

Indústria & Competitividade **FIESC**

Nº 40 | JUL | 2026

PARCERIA DE RESULTADOS

Imigrantes latino-americanos
e indústria jogam juntos
em Santa Catarina

NÃO TINHA PREÇO

Créditos de biodiversidade
atribuem valor à conservação
do meio ambiente

REFERÊNCIA GLOBAL

Com JBS Biotech, ecossistema
de biotecnologia ganha
corpo em Florianópolis

Como Santa Catarina se encaixa?

Carta da Indústria, da FIESC, aponta
caminhos para um novo ciclo de
desenvolvimento em meio às grandes
transformações globais



FORME OS LÍDERES QUE VÃO **TRANSFORMAR O FUTURO** DO SEU NEGÓCIO

**Soluções para formar, reter e engajar os profissionais
que são decisivos para o crescimento sustentável
da sua empresa e para o futuro da indústria.**



**Soluções sob
medida para
sua operação**



**Aprendizado
aplicado no dia a
dia da liderança**



**Conteúdo alinhado
aos desafios reais
da indústria**



**Flexibilidade
para a rotina da
sua equipe**



Aponte a câmera do seu celular
e conheça nossas soluções.

SENAI
sc.senai.br

Uma relação de **CAUSA E EFEITO**

Vivemos um período em que mudanças profundas redefinem a economia mundial. A forma de produzir, competir e investir está sendo transformada por novas tecnologias, pela transição energética, pelas mudanças geopolíticas e por novas exigências ambientais e sociais. Nesse cenário, a capacidade de compreender os movimentos em curso e se preparar para o futuro tornou-se um dos principais fatores de competitividade.

Desde sua fundação, em 1950, a FIESC tem como uma de suas missões interpretar as necessidades e as oportunidades da indústria, reunir conhecimento técnico e apresentar caminhos para o desenvolvimento de Santa Catarina. A Carta da Indústria, tema da reportagem de capa desta edição, nasce desse compromisso: oferecer uma visão estratégica e propostas concretas para orientar políticas públicas voltadas ao crescimento econômico e social do Estado.

Desenvolvimento é relação de causa e efeito. Planejamento, investimentos e decisões tomadas na direção correta geram efeitos positivos no longo prazo. Santa Catarina possui características que a colocam em posição privilegiada para avançar ainda mais, mas transformar potencial em realidade exige visão de futuro, diálogo e ações consistentes. As propostas da Carta da Indústria estão sendo apresentadas aos candidatos aos poderes Executivo e Legislativo e poderão contribuir para a construção de uma agenda de desenvolvimento para os próximos anos.

As demais reportagens da revista se conectam, de diversas formas, à visão da FIESC para o crescimento do Estado. A chegada da JBS Biotech a Florianópolis fortalece um ecossistema de inovação em uma das áreas mais promissoras da economia global, a biotecnologia. Os investimentos da WEG em sistemas de armazenamento de energia aproximam Santa Catarina das oportunidades abertas pela transição energética. A Parceria Público-Privada para o aprofundamento da Baía da Babitonga ampliará a relevância logística do Estado. A dinamização econômica da fronteira com a Argentina por meio de políticas tributárias, o pioneirismo no mercado de créditos de biodiversidade e a integração de imigrantes ao setor produtivo mostram diferentes caminhos para ampliar a capacidade de crescimento catarinense.

Em todas essas frentes a FIESC atua como articuladora, conectando conhecimento, empresas, sociedade e poder público para transformar desafios em oportunidades e construir um futuro mais próspero para Santa Catarina.

Gilberto Seleme
Presidente da FIESC



Presidente
Gilberto Seleme

1º Vice-Presidente
André Armin Odebrecht

Diretor 1º Secretário
Edvaldo Ângelo

Diretor 2º Secretário
Nivaldo Pinheiro

Diretor 1º Tesoureiro
Marco Aurélio Alberton

Diretor 2º Tesoureiro
Evair Oenning

Diretoria executiva
Alfredo Piotrovski
Carlos José Kurtz
Daniel Tenconi
Fabrizio Pereira
José Eduardo Fiates

Indústria & Competitividade

Direção de conteúdo e edição
Vladimir Brandão

Jornalista responsável
Elmar Meurer (984 JP)

Edição de arte
Luciana Carranca

Produção executiva
Maria Paula Garcia

Revisão
Lu Coelho

Distribuição
Filipe Scotti

Colaboradores da edição
Leo Laps e Suellen Santin

Apoio editorial
Dami Radin, Elida Ruivo,
Filipe Scotti e Jaison Henicka

Capa
Luciana Carranca
Comercialização
VBC Conteúdo

imprensa@fiesc.com.br
(48) 3231 4670
www.fiesc.com.br



www.vbcconteudo.com.br

SUMÁRIO

6 ENTREVISTA

O Porto Itapoá tem alta eficiência operacional e espaço físico para crescer na Baía da Babitonga, que está sendo dragada para poder receber navios ainda maiores. Nesse contexto, o CEO Ricardo Arten conduz o porto com o objetivo de torná-lo o maior terminal de contêineres da América do Sul

10 IMIGRAÇÃO

Número de estrangeiros residentes em Santa Catarina subiu mais de 600% desde 2010. Os imigrantes, em sua maior parte venezuelanos, estão sendo fundamentais para o crescimento da indústria de Santa Catarina em setores como o de alimentos, construção, têxtil e metalmeccânica

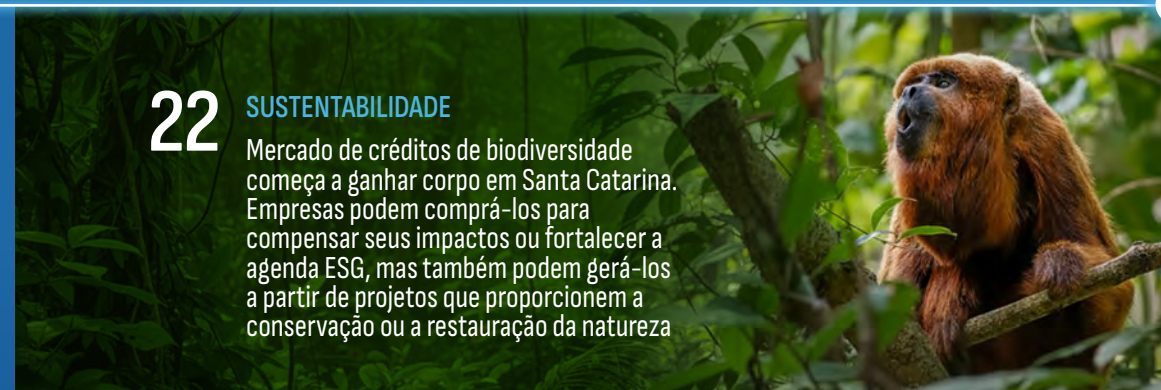


28 DESENVOLVIMENTO

O mundo passa por profundas transformações econômicas, políticas e tecnológicas, trazendo desafios e abrindo oportunidades para a indústria de Santa Catarina. A Carta da Indústria, elaborada pela FIESC, é um conjunto de propostas aos candidatos a cargos públicos para orientação de ações do Governo e do Legislativo em favor do crescimento do Estado

22 SUSTENTABILIDADE

Mercado de créditos de biodiversidade começa a ganhar corpo em Santa Catarina. Empresas podem comprá-los para compensar seus impactos ou fortalecer a agenda ESG, mas também podem gerá-los a partir de projetos que proporcionem a conservação ou a restauração da natureza



44 INOVAÇÃO

Instalação da JBS Biotech em Florianópolis acelera a formação de um polo de biotecnologia com potencial para atrair talentos, startups e novos negócios. No centro da estratégia está a reinvenção do mercado de proteínas, com ingredientes de alto valor agregado e produtos personalizados

52 ENERGIA



O avanço das fontes renováveis cria uma nova fronteira industrial: armazenar eletricidade para usar quando ela for mais necessária. Em Itajaí, a WEG aposta em sistemas de baterias (BESS) que prometem transformar o setor e posicionar Santa Catarina em um mercado global em expansão

58 PERFIL

Da escolha dos fornecedores ao desenvolvimento de produtos premiados, a engenheira Maitê Lang, criadora da Nugali, ajudou a mudar a percepção sobre o chocolate brasileiro com uma receita que mistura propósito, rigor industrial e ambição global



62 ECONOMIA

Na divisa com a Argentina, Dionísio Cerqueira vive um novo momento. A modernização do Porto Seco, melhorias na BR-163 e investimentos em logística impulsionam comércio exterior, empregos e novos negócios em uma região que se prepara para assumir papel estratégico no desenvolvimento catarinense



66 ARTIGO

Diego Ramos, presidente da Associação Catarinense de Tecnologia (Acate) e CEO da Teltec Solutions



EM ROTA PARA assumir a liderança

Há 15 anos, quando recebeu sua primeira atracação, o Porto Itapoá iniciava uma trajetória que o transformaria em um dos principais ativos logísticos do Brasil. Hoje, gerando mais de 2 mil empregos diretos, o porto ocupa a terceira posição nacional em movimentação de contêineres e figura entre os que mais crescem no País. Além disso, registra dez anos consecutivos de liderança em satisfação de clientes (índice NPS – Net Promoter Score) no setor portuário brasileiro. O CEO Ricardo Arten, com 35 anos de experiência em logística e infraestrutura portuária, explica nesta entrevista como o Porto Itapoá pretende tornar-se o maior terminal de contêineres da América do Sul.

DIVULGAÇÃO

O Porto Itapoá já é o terceiro maior terminal de contêineres do Brasil. Qual é a visão de longo prazo da empresa?

Temos uma visão muito clara: ser o maior, o mais eficiente e o mais seguro terminal de contêineres da América do Sul até 2040. Temos um planejamento estratégico estruturado para alcançar esse objetivo. Investimos cerca de R\$ 3 bilhões desde o início das operações e estamos discutindo a quinta fase de expansão, que deve elevar nossa capacidade de 1,8 milhão para 3,2 milhões de TEUs até 2033.

O que o diferencia dos demais terminais brasileiros nessa trajetória de crescimento?

O principal é a capacidade de expansão. Itapoá ainda possui áreas disponíveis para crescimento, algo que já não existe em polos como Santos, Itajaí, Navegantes ou Paranaguá. A segunda vantagem é a velocidade com que conseguimos executar projetos estratégicos. A dragagem da Baía da Babitonga para 16 metros de profundidade (fruto de Parceria Público-Privada inédita envolvendo o Porto Itapoá e o Governo do Estado) está avançando e permitirá receber navios maiores e mais eficientes. Em outros portos, projetos semelhantes vêm sendo discutidos há muitos anos sem a mesma velocidade de execução. Investimos continuamente em automação, equipamentos, operações remotas, inteligência operacional e novas tecnologias. Nosso objetivo é aumentar a produtividade, movimentar mais carga com a mesma estrutura mantendo o alto nível de eficiência. Além disso, temos uma visão integrada de infraestrutura. Não basta ampliar o terminal se não houver acessibilidade para escoar a carga.

Quais são os gargalos logísticos que precisam ser superados para sustentar o crescimento?

Estamos trabalhando junto ao Governo de Santa Catarina para viabilizar a duplicação das rodovias que conectam o porto à BR-101, especialmente as SCs 416 e 417. Esses investimentos beneficiam não apenas o Porto Itapoá, mas também a mobilidade urbana, o turismo e toda a economia regional. A dragagem da Baía da Babitonga é um dos projetos mais importantes, pois vai nos permitir receber navios de até 366 metros carregados em sua capacidade máxima. Também defendemos fortemente a implantação de uma ligação ferroviária ao porto. O ramal já está previsto no Plano Estadual de Logística e Transporte (PELT). A ferrovia será fundamental para reduzir congestionamentos, aumentar a eficiência logística e complementar a infraestrutura rodoviária.

Qual será o impacto econômico do aprofundamento do canal para Santa Catarina?

Cada metro adicional de profundidade permite que um navio de 366 metros transporte entre 800 e 1 mil contêineres extras. Como estamos ampliando em dois metros, isso representa cerca de 130 mil contêineres adicionais por mês. Em termos anuais, estamos falando de uma capacidade potencial de aproximadamente 1,5 milhão de contêineres a mais. É uma oportunidade gigantesca para a indústria catarinense ampliar exportações e importações com mais eficiência. Além disso, cada contêiner movimentado gera R\$ 10 mil na cadeia logística.

“Executamos projetos estratégicos, como a dragagem da Baía da Babitonga, enquanto em outros portos projetos semelhantes são discutidos há muitos anos sem a mesma velocidade de execução”

“Poderemos receber navios transoceânicos e redistribuir cargas para outros portos da América do Sul por meio de embarcações menores, ampliando a relevância logística de Santa Catarina”

Como o porto pode mudar sua posição estratégica nas rotas marítimas após a dragagem?

Teremos condições de receber navios de grande porte que hoje fazem a primeira escala no Porto de Santos. Isso nos permitirá disputar a condição de *first call* em Santa Catarina e também assumir um papel de porto concentrador, um *hub port*. Poderemos receber navios transoceânicos e redistribuir cargas para outros portos do Sul da América do Sul por meio de embarcações menores, ampliando a relevância logística do Estado.

Na sua avaliação, qual é o peso da logística para atrair novos investimentos industriais para Santa Catarina?

Eu destacaria três fatores para atração de investimentos. O primeiro é a política de incentivos e a capacidade do Estado de manter um ambiente competitivo para os negócios. O segundo é a disponibilidade de mão de obra qualificada. E o terceiro é justamente a eficiência logística. Uma empresa avalia o custo, a previsibilidade e a confiabilidade de toda a cadeia logística antes de decidir onde investir. Nesse aspecto, Santa Catarina tem vantagens importantes, especialmente quando comparada a outras regiões do País.

Como o porto se prepara para manter a competitividade com fim de incentivos e aumento da concorrência?

O caminho é aumentar continuamente a eficiência, pois quando a logística funciona muito bem ela se torna um diferencial competitivo capaz de compensar mudanças de cenário. A eficiência operacional tem sido decisiva para atrairmos novos clientes. Um exemplo é o da proteína animal bovina produ-

zida no Centro-Oeste. Historicamente, essa carga utilizava o Porto de Santos, mas hoje parte dela está vindo para Itapoá. São cargas que percorrem centenas de quilômetros a mais por rodovia para chegar até Santa Catarina. Isso acontece porque os embarcadores valorizam a disponibilidade operacional, a oferta de infraestrutura e a previsibilidade logística. Também recebemos cargas como celulose e algodão vindas do Centro-Oeste. Estamos conquistando cargas que antes eram consideradas cativas de outros portos.

O porto atende quais segmentos da indústria catarinense, e como contribui para a competitividade do setor?

Atendemos a praticamente todos os segmentos da indústria catarinense. Na exportação, temos uma atuação muito forte com as cadeias de carne suína e de frango e ampliamos continuamente nossa infraestrutura, especialmente com o aumento da capacidade para contêineres refrigerados. Na importação, recebemos matérias-primas e insumos essenciais para a indústria, como cobre, produtos químicos, componentes automotivos e diversos insumos industriais. Mas o porto entende que sua missão vai muito além da movimentação de contêineres. Nossa função é contribuir para o desenvolvimento da infraestrutura nacional e da economia catarinense. Temos trabalhado junto aos governos para viabilizar investimentos em acessos rodoviários, infraestrutura marítima e, futuramente, ferroviária. Ao mesmo tempo, buscamos atuar de forma social e ambientalmente responsável. Quando ampliamos capacidade e eficiência, quem ganha são os exportadores, os importadores, os trabalhadores e toda a indústria de Santa Catarina. 



ArcelorMittal

UNIDADE VEGA

23 anos

DE VALORES FORTES COMO AÇO

Grandes indústrias se medem por suas estruturas, seus resultados e, acima de tudo, pela força de suas atitudes.

Há 23 anos, trazemos pioneirismo global e tecnologia de vanguarda a Santa Catarina.

Porém, nossa maior engenharia acontece antes da linha de produção pulsar: ela está no investimento contínuo em segurança, inovação e no nosso bem maior: as pessoas.

Afinal, o aço que entregamos ao mercado é inteligente, leve e resistente, qualidades que só existem porque o respeito por quem o faz é a nossa base mais inabalável.



arcelormittalbrasil

Acesse e saiba mais!

Segurança,
inovação e
respeito por
quem faz.



A indústria que FALA ESPANHOL

Com milhares de venezuelanos e outros latino-americanos ingressando no mercado de trabalho e ajudando a sustentar o crescimento industrial, Santa Catarina vive uma das maiores transformações migratórias de sua história recente

POR LEO LAPS



Em junho do ano passado, o IBGE apontou que Santa Catarina foi o estado com maior saldo migratório do País – deixando São Paulo pela primeira vez fora do topo da série histórica iniciada em 1991. Os dados do Censo 2022 também revelaram algo que já vinha sendo notado nas ruas e espaços de trabalho em solo catarinense: a presença frequente do sotaque hispânico. É que, além dos milhares de paraenses, gaúchos, paranaenses e brasileiros de outros estados que resolveram morar em Santa Catarina, uma quantidade inédita de estrangeiros, a maioria da América Latina, escolheu o Brasil para buscar nova vida, e o Estado, com o combo de pleno emprego, segurança e qualidade de vida, atraiu muitas dessas pessoas.

Segundo o IBGE, o percentual de residentes em Santa Catarina nascidos em outros países saiu de 11 mil em 2010 para quase 73 mil pessoas em 2022. E conforme publicou a prefeitura de Chapecó, cidade que mais recebeu estrangeiros no período estudado pelo IBGE, a curva seguiu em ascensão: se os números consolidados pelo Instituto contavam 11,7 mil não brasileiros residentes em Chapecó em 2022, a Secretaria de Saúde municipal já somava, em junho de 2025, mais de 23 mil deles cadastrados no município.

Quase 80% desses novos moradores de Chapecó vieram da Venezuela, país que vive longa crise socioeconômica. O Brasil, conforme o IBGE, viu o número de imigrantes venezuelanos saltar na última década: entre 2010 e 2022, passaram de menos de 3 mil para mais de 271 mil. É quase quatro vezes mais que a quantidade de haitianos que adentraram o País após o terremoto que matou 300 mil pessoas na ilha caribenha em 2010. Para distribuir essa população, o Governo Federal criou a Operação Acolhida, que oferece realocação voluntária e gratuita dos municípios de Roraima para outras cidades do Brasil. Entre 2018 e 2025, 156 mil migrantes e refugiados que entraram pela fronteira Norte foram encaminhados para 1.112 municípios brasileiros.

1 milhão

Residentes estrangeiros no Brasil

70,3%

Crescimento do número de estrangeiros desde 2010



72,8 MIL

Estrangeiros residentes em SC

622%

Crescimento em SC desde 2010

Fonte: IBGE, 2022

Além disso, no Brasil há a facilidade para se regularizar e trabalhar legalmente. Com a Lei de Migração brasileira, sancionada em 2017 para substituir o Estatuto do Estrangeiro, houve uma mudança na visão que se tem do imigrante, aponta o professor doutor e membro do Observatório das Migrações de Santa Catarina, da Udesc, Taffarel Cassaniga. “Aquele estatuto, de 1980, tratava o estrangeiro sob ótica suspeita, como alguém perigoso, e a nova lei passa a tratá-lo como cidadão de direito”, considera o pesquisador.

A lei também descriminalizou o imigrante pela situação documental, dando direito à defesa em casos de deportação ou repatriação, além de criar o visto temporário de acolhida humanitária. “Ainda há muito a melhorar, como a adaptação de diplomas para permitir o uso deles aqui. Mas facilitou a regularização, permitiu ter um CPF, tornou o processo muito mais

acolhedor”, explica Cassaniga.

Em Santa Catarina, que vive uma situação de pleno emprego, a chegada de imigrantes tem ajudado a indústria a preencher vagas de trabalho em aberto, o que tem sido essencial para sustentar o ritmo de crescimento da indústria acima da média brasileira nos últimos anos. Para se ter uma ideia, venezuelanos representaram 39% do total das carteiras de trabalho assinadas nos últimos dois anos em Chapecó, de acordo com dados do governo municipal. Na Aurora Coop, sediada em Chapecó e uma das maiores empregadoras privadas de Santa Catarina, quase 30% dos 52 mil colaboradores atuais não nasceram no Brasil. São cerca de 15 mil estrangeiros, dois terços deles vindos da Venezuela – outros 30% são haitianos.

“Cerca de 98% das vagas que abrimos são de nível operacional, porta de entrada para a empresa, que tem uma cultura muito forte de promoção interna. Essa reposição de mão de obra tem sido feita geralmente por estrangeiros”, comenta Suelen Pratto, gerente corporativo de Pessoas e Cultura da empresa. Segundo ela, só no ano passado a Aurora Coop criou 3 mil novas vagas de emprego, sendo que 70% delas foram ocupadas por não brasileiros. “É um pessoal que vem para agregar e fazemos um trabalho muito forte para que eles se sintam incluídos, inseridos na empresa”, diz Suelen.

Municípios com mais imigrantes na indústria (% do total empregado)

● Chapecó.....	17,8%
Joinville.....	8,6%
Guatambu.....	4,3%
Concórdia	3,5%
Blumenau	3,3%

Fonte: FIESC



Setores que mais empregam estrangeiros

Alimentos e Bebidas	24,2 mil
Construção	4,5 mil
Têxtil, Confecção, Couro e Calçados.....	3,5 mil
Metalmecânica	2,8 mil

Fonte: FIESC

Chimarrão | A cooperativa tem processos de integração específicos para imigrantes, com foco no acolhimento e na adaptação cultural ao novo lar, além de auxiliar com a documentação exigida para viver no País. Um dos pontos de destaque é o programa Conecta Imigrantes, promovido em parceria com a Fundação Aury Luiz Bodanese (ALB), mantida pela Aurora Coop, e a Unochapecó. Trata-se de um curso com 10 encontros para falar de temas como cooperativismo, direitos, saúde mental e integração. Em maio, um grupo de 30 colaboradores se formou na unidade de Guatambu, a oeste de Chapecó. “Traduzimos todos os materiais de trabalho, buscamos apresentar os direitos e deveres deles. Temos um analista cultural que fala de cultura, de comida, de chimarrão, e buscamos entender também quais são as necessidades deles”, enumera Suelen.

A dependência cada vez maior de mão de obra estrangeira exige uma atenção especial ao noticiário dos países de origem dos colaboradores. A queda do líder venezuelano Nicolás Maduro no início do ano causou comoção e comemoração pelas ruas de Chapecó, onde imigrantes cantaram e dançaram enrolados em bandeiras da Venezuela. Ao mesmo tempo, a situação causou apreensão em empresas e entidades, que acenderam o alerta para a possibilidade de boa parte dos venezuelanos regressar ao país caribenho, o que causaria impactos econômicos graves. Tudo indica que não há movimentos expressivos de retorno ao país de origem. Até porque, em grande parte, imigrantes estão cada vez mais integrados às comunidades e obtendo notáveis oportunidades de crescimento profissional, conforme as reportagens subsequentes.

Construindo pertencimento

Acolher é o verbo principal do programa Porta Aberta, que a FIESC desenvolve em formato piloto em São Miguel do Oeste. A ideia surgiu de um pedido do prefeito da cidade, que tem registrado um alto índice de novos residentes oriundos da Venezuela. O projeto conta com apoio direto da ONU e atua em dois núcleos: Cidade Acolhedora, ligado à área de assistência social do município; e Empresa Acolhedora, em que três indústrias — Aurora, JBS e Diêlo — se capacitam para receber os estrangeiros. Por meio do SENAI e do Sesi, a FIESC oferece formação técnica e profissional, capacitação de gestores e serviços de acolhimento corporativo, saúde mental e orientações aos imigrantes, dentre outros serviços.

“O que garante a permanência do imigrante na cidade não é só o que acontece dentro do trabalho. Se ele não tem a família morando bem, os filhos na escola, uma cidade acolhedora, ele não vai ficar ou não vai ser produtivo”, diz Daniel Tenconi, superintendente regional do Sesi/SC, justificando a abrangência do programa Porta Aberta, que está em período de estruturação e deverá apresentar os primeiros resultados em 2027. “Além disso, receber pessoas de outros países é uma forma de aprender com o diferente, de rever nossa cultura. Poder conviver com outras culturas traz um importante aprendizado para toda a sociedade”, afirma Tenconi.



53,7 mil
Imigrantes estrangeiros
na indústria de SC

(5,5% do total
de trabalhadores)



Milano: habilidades
lógicas e sociais
valeram vaga

LEO LAPIS

Da sobrevivência À LIDERANÇA

Como a indústria catarinense abriu espaço para o talento de um jovem venezuelano que já obteve três promoções e quer ir ainda mais longe

Nascido na cidade de Puerto Ordaz, no nordeste da Venezuela, Christiam Milano cursava o segundo semestre de faculdade em seu país natal quando percebeu com tristeza: “Este país não tem futuro”. Foi quando decidiu, aos 18 anos, emigrar. Filho de pais separados, foi viver com a mãe em Roraima. Sem encontrar emprego lá, foi para Manaus, onde passou sete meses vivendo de favor

com uma família venezuelana e recebendo, sem carteira, R\$ 30 por dia de trabalho em um mercado da cidade. Com o dinheiro, ele ajudava os anfitriões a encher a despensa. “Diante de outras histórias que ouvi de meus conterrâneos, não posso dizer que passei muito perrengue. Minha história é quase da Disney”, brinca. “E eu não queria falhar. Estava sobrevivendo e gostando disso”, garante.



DIVERSIDADE CORPORATIVA

Dos 250 colaboradores da Blumenau Iluminação 15 são estrangeiros, sendo 13 venezuelanos, um haitiano e um peruano.

Os demais são oriundos de 17 diferentes estados brasileiros

Fonte: Empresa

Um dia, Christiam recebeu um telefonema do pai, que havia emigrado para o Sul do Brasil. “Perguntei como era a cidade. Ele disse que era calma, que tinha anúncio de emprego até na rádio, que estava bem. Eu pensei: como assim, tem emprego sobrando?”, conta. A cidade era Blumenau, e o pai resolveu ajudar o filho: pagou uma passagem de avião para Florianópolis e, em outubro de 2019, Christiam chegava exausto a Santa Catarina.

Duas semanas depois já estava empregado como expedidor na Blumenau Iluminação, indústria que hoje tem 250 colaboradores e um faturamento anual de R\$ 400 milhões. Era o primeiro venezuelano contratado pela empresa e, no dia da entrevista, não sabia como o currículo havia chegado até lá – o pai havia, mais uma vez, dado um empurrão para o filho. “Eu não fazia ideia do que era a vaga, e estranhei a recepção muito bonita, o cafezinho oferecido pela recepcionista. Achei que estava no lugar errado”, recorda. O jovem, no entanto, surpreendeu o entrevistador tanto nas provas de matemática e lógica quanto nas respostas nas dinâmicas, e recebeu o e-mail com o contrato de trabalho ainda caminhando, a pé, para casa. “Então meu pai falou: ‘Agora você é responsável por abrir ou fechar as portas para o próximo venezuelano na empresa’”, conta.

Christiam subiu de cargo três vezes e atua como vendedor externo enquanto cursa faculdade de Comércio Exterior. Hoje, com ele, os venezuelanos são 13 dos 15 estrangeiros trabalhando na Blumenau Iluminação – há ainda um peruano e um haitiano. Desde 2022 os contratos da empresa passaram a ser oferecidos, juramentados, em espanhol e francês. Neste ano, o refeitório estreou uma área de temperos dos países e regiões dos colaboradores e passou a oferecer pratos típicos, eventualmente. A empresa também cuida com assiduidade da documentação de cada estrangeiro junto à Polícia Federal.

“Contratar imigrantes muitas vezes passa como ação social, mas é para o resultado melhorar, é estratégico. A

empresa entende que a diversidade faz bem”, diz a gerente de Recursos Humanos Michelle Szpoganicz. “Não temos tratamento diferenciado, mas somos muito acolhedores. Precisamos deles para o crescimento da empresa”, diz o presidente Renato Medeiros.

Christiam, que um dia sonha investir em um negócio em seu país natal, se tornou referência entre os conterrâneos na empresa, que o enxergam como um exemplo de superação ao conseguir sair dos postos de entrada na indústria para ocupar posições destacadas. “O grande problema é que muita gente, por ser imigrante, entende que tem que chegar como chão de fábrica e morrer como chão de fábrica, mas as oportunidades estão aí”, atesta.

QUANTO TEMPO

A SUA INDÚSTRIA **PERDE** NO PROCESSO DE EMBALAGEM?

A DIMEL TRANSFORMA A SUA OPERAÇÃO COMBINANDO AS SELADORAS AUTOMÁTICAS DA SMIPACK DO BRASIL COM FILMES POLIOLEFINICOS DE ALTA PERFORMANCE. MAIS DO QUE AUTOMATIZAR PROCESSOS REPETITIVOS, NOSSA SOLUÇÃO ENTREGA PREVISIBILIDADE PARA A FÁBRICA E **MÁXIMA VALORIZAÇÃO DO SEU PRODUTO NA GÔNDOLA**. COM BRILHO SUPERIOR E TRANSPARÊNCIA CRISTALINA, SUA EMBALAGEM GANHA O DESTAQUE QUE CONQUISTA O CONSUMIDOR NO PONTO DE VENDA.

ESTÉTICA E ACABAMENTO IMPECÁVEIS PARA O SEU PRODUTO, PERFEITO PARA INDÚSTRIA ALIMENTÍCIA, GRÁFICA, TÊXTIL, PLÁSTICA, METALÚRGICA E UTILIDADES EM GERAL.



Dimel

smipack

(47) 3361-4550

WWW.DIMELNET.COM.BR





Davier: objetivo de trazer a família alcançado

O futuro ENCONTROU endereço

Em Chapecó, imigrantes venezuelanos reconstroem suas vidas, reúnem suas famílias e passam a enxergar um horizonte de prosperidade que parecia impossível há poucos anos

POR SUELLEN SANTIN

Em busca de estabilidade, emprego e melhores condições de vida para suas famílias, os venezuelanos Davier Jesus Camacho Palma e Esther Gabriela Nunez Figuera escolheram o Brasil para recomeçar. Hoje, trabalhando em uma grande indústria em Chapecó, eles representam uma realidade cada vez mais comum: a de imigrantes que encontram na cidade oportunidades de crescimento profissional e prosperidade.

Natural de Maturín, no nordeste da Venezuela, Davier chegou ao Brasil em 2018, acompanhado da irmã. O objetivo era construir uma base financeira para, futuramente, trazer a esposa e a filha. “Quando se tem filhos, precisamos começar do zero

por eles, se for preciso”, afirma.

Após três anos trabalhando como pedreiro em Boa Vista (RR), ele conheceu um programa que conecta imigrantes a empresas em busca de mão de obra. Foi assim que descobriu vagas na agroindústria de Chapecó. Mudou-se para Santa Catarina já com contrato assinado para atuar como operador. Em pouco tempo conquistou duas promoções e hoje trabalha como auxiliar no Serviço de Inspeção Federal (SIF).

A história de Esther também é marcada pela busca de oportunidades. Depois de deixar a Venezuela, ela viveu seis anos na Colômbia com o marido e as duas filhas. Quando perceberam que as perspectivas por lá eram limi-

tadas, decidiram tentar uma nova vida no Brasil. A família entrou pelo Estado de Roraima e permaneceu apenas dois meses em Boa Vista. Em seguida, Esther e o marido foram contratados pela mesma agroindústria em Chapecó. “É muito difícil para quem chega a outro país conseguir emprego. Me considero muito abençoada por ter recebido auxílio e encontrado trabalho tão rápido”, relata.

A rapidez na inserção profissional foi decisiva para a adaptação da família. Esther destaca que a mudança cultural e o idioma não foram obstáculos tão grandes quanto imaginava. “Nossa vida melhorou muito e ainda conseguimos ajudar familiares que ficaram na Venezuela.”

Além da oferta de trabalho, a qualidade de vida encontrada em Chapecó foi um dos fatores que mais impressionou os dois imigrantes. Recentemente, Davier conseguiu reunir novamente a família ao trazer ao Brasil a esposa e a filha para morar com ele. “Chapecó é um dos melhores lugares para se viver porque tem muitas empresas e empregos”, afirma.

23 mil
Número de estrangeiros residentes em Chapecó

Fonte: Prefeitura municipal

Fora do ambiente de trabalho, ambos valorizam a tranquilidade da cidade, os passeios em parques, as caminhadas pelo centro e a receptividade encontrada no Brasil. Os planos para o futuro também são semelhantes: crescer profissionalmente, conquistar a casa própria e permanecer no País. “Hoje estamos estáveis. Daqui a alguns anos me vejo comprando um carro, um apartamento, e crescendo no trabalho”, diz Davier.

“Aqui não nos falta nada. Temos emprego, oportunidades e condições de construir uma vida melhor. Não pretendemos voltar”, diz Esther. **IC**

FOTOS: SUELLEN SANTIN



Esther se sente abençoada por auxílio e emprego rápido

60 anos representam mais do que tempo

Fischer **60** mais
nova
a cada
geração

Representam um legado construído com trabalho, conquistas e, sobretudo, com respeito por quem confia em nós. Essa relação de confiança é o que nos inspira a criar produtos que atravessam gerações e histórias.



E assim como a relação com os nossos consumidores, a nossa essência continua firme: inovar com propósito, fazer bem feito e entregar valor em cada detalhe. É isso que nos faz olhar para o passado com orgulho e para o futuro com entusiasmo.



Conheça mais
da história
Fischer.

ELETRDOMÉSTICOS



CONSTRUÇÃO CIVIL



SISTEMA CONSTRUTIVO MODULAR



Acesse e saiba mais fischer.com.br [fischer.oficial](https://www.instagram.com/fischer.oficial)

Fischer **60** mais
nova
a cada
geração

A biodiversidade ENTRA NO BALANÇO

Mercado de créditos transforma conservação e restauração de ecossistemas em ativo financeiro, abrindo uma nova frente de oportunidades para a indústria

Paisagem do município de Alfredo Wagner, em Santa Catarina

O aquecimento global e as mudanças climáticas alçaram o carbono ao posto de principal elemento da matemática do ESG corporativo na última década. Os esforços em reduzir suas emissões foram mensurados e contabilizados em relatórios de sustentabilidade como créditos de carbono, que se tornaram uma verdadeira “moeda climática”. Agora, uma nova classe de ativos começa a ganhar espaço na agenda empresarial global: os créditos de biodiversidade. “São créditos que valorizam financeiramente o que antes não tinha preço, a biodiversidade conservada e restaurada”, afirma José Lourival Magri, presidente do Conselho de Meio Ambiente e Sustentabilidade da FIESC. “Eles seguem a mesma lógica dos créditos de carbono, mas são mais abrangentes porque envolvem não somente emissões, mas todo o conjunto de serviços ecossistêmicos”, diz.

Em termos biológicos, a biodiversidade pode ser definida como a complexidade da vida em todas as suas formas e interações, mas a proposta dos créditos nasce de uma perspectiva econômica. Nesses termos, a biodiversidade representa a infraestrutura natural que sustenta a economia e a própria vida humana, fornecendo uma infinidade de “produtos e serviços” como água limpa, solo fértil, alimentos, estabilidade climática, controle de pragas, polinização, matérias-primas industriais, princípios ativos para fármacos e potencial turístico, que representam valores absurdamente altos se contabilizados economicamente (veja o quadro). Faz sentido, portanto, atribuir valor a projetos que favorecem a biodiversidade.

O nascente mercado de créditos de biodiversidade se insere no contexto do GBF (Global Biodiversity Framework), um acordo internacional adotado em 2022 para tentar conter e reverter a perda de biodiversidade. Suas metas incluem a redução dos impactos por parte de empresas, medidas por métricas padronizadas, e a ampliação do financiamento para a biodiversidade por meio dos créditos e outros mecanismos, direcionando recursos privados para a conservação da natureza.

“Estruturar a biodiversidade como um ativo econômico mensurável, que dialogue com o mundo empresarial e financeiro, é condição essencial para o desenvolvimento de um mercado funcional de créditos”, disse Regiane Borsato, diretora executiva do Instituto Life, em seminário sobre o tema organizado pela FIESC em abril. O Instituto, sediado em Curitiba, é uma das principais certificadoras acreditadas internacionalmente.



Quanto vale a biodiversidade

- Mais de 50% do PIB global depende moderada ou altamente da natureza

- Serviços ecossistêmicos têm valor estimado em US\$ 125 trilhões/ano

- Eventos climáticos extremos custaram US\$ 2 trilhões na última década

- Reverter a perda de biodiversidade requer cerca de US\$ 700 bilhões/ano

Fonte: Instituto Life, com dados de fontes diversas



A ideia central é que projetos com ganhos de biodiversidade possam gerar créditos que sejam adquiridos por empresas interessadas em compensar seus próprios impactos, fortalecer a agenda ESG ou abrir novas oportunidades de negócios em mercados exigentes. O mecanismo envolve algumas etapas: áreas naturais, como reservas privadas ou parques públicos, devem passar por ações estruturadas de conservação ou restauração. Os projetos são submetidos a indicadores técnicos que avaliam o ganho efetivo de biodiversidade, para então serem convertidos em créditos negociáveis no mercado.

Pode-se comparar o estágio do mercado da biodiversidade ao de carbono de 15 anos atrás. Enquanto em países da Europa e na Austrália já há metodologias definidas, registros oficiais de créditos e participação de investidores, no Brasil

Com grande biodiversidade e pressão por conservação, Brasil pode se destacar em NOVO MERCADO DE CRÉDITOS

ainda há ausência de regulamentação específica, falta padronização metodológica e o mercado é pouco líquido. Porém, sendo dono da maior biodiversidade conhecida do planeta, com seis diferentes biomas e forte

pressão por conservação, o País é naturalmente candidato a grande produtor da nova moeda verde.

A criação do Programa de Incentivo à Produção da Diversidade Catarinense pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), apresentado na FIESC no seminário de abril, é uma das iniciativas em curso no Estado. O objetivo é apoiar tecnicamente e com recursos propriedades rurais em projetos geradores de créditos de biodiversidade e conectá-los a empresas demandantes, organizando a cadeia. O modelo fundiário catarinense é apropriado, com pequenas propriedades, água em

abundância e relevo acidentado. As limitações à agropecuária existentes em Santa Catarina convertem-se em oportunidades para a preservação remunerada por meio de créditos. “Além disso, projetos costeiros e marinhos no Estado têm grande potencial de atrair investidores”, afirma Magri.

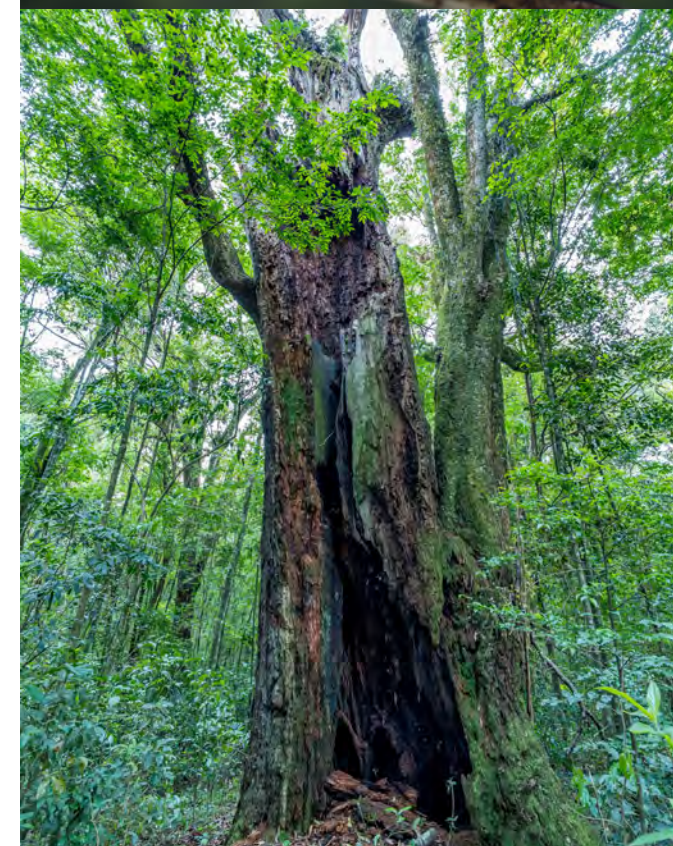
Indenizações | A consolidação de parques estaduais em Santa Catarina é outra questão que pode ser endereçada com o apoio dos créditos, de acordo com o executivo. Muitos dos parques existentes são limitados por questões fundiárias, pois possuem áreas privadas não indenizadas, o que dificulta sua gestão e a conservação. Para Magri, os parques podem gerar créditos e usar os recursos para realizar as indenizações e regularizar a ocupação. Na outra ponta, indústrias fortes no Estado como a de alimentos, a têxtil e a metalmecânica que adquirirem os créditos podem ter acesso facilitado ao mercado externo, melhorar a imagem junto a consumidores e gerenciar melhor seus riscos ambientais.

Empresas podem se beneficiar não apenas comprando créditos para compensar impactos, mas também podem se tornar geradoras de créditos. Quando isso acontece, a natureza passa a integrar seu modelo de negócios, a conservação deixa de ser custo e vira ativo e surge uma nova classe de receita potencial. “Além de compensar as externalidades negativas das empresas, os créditos podem internalizar as externalidades positivas”, diz Regiane Borsato, do Instituto Life.

FOTOS: ADRIAN STOCK



Laelia purpurata, araponga e imbuia, símbolos da biodiversidade catarinense



Como os créditos funcionam



• **Projeto de conservação ou restauração:** pode envolver florestas, áreas costeiras e outros ecossistemas



• **Mensuração do ganho de biodiversidade:** diferente do carbono, que é medido em toneladas, os indicadores são mais complexos, como diversidade de espécies, qualidade do habitat e integridade ecológica



• **Certificação independente:** organizações especializadas validam os resultados e monitoram continuamente os resultados



• **Emissão de créditos:** ganhos ambientais são convertidos em unidades negociáveis

• **Compra por empresas ou investidores:** para compensação voluntária, estratégia ESG ou posicionamento de mercado

Empresas
podem se
beneficiar
comprando
créditos para
compensar
impactos ou
podem também
se tornar
geradoras de
créditos

Exótica | A catarinense C-Pack, fornecedora de embalagens de cosméticos para grandes marcas mundiais como L'Oréal, Johnson & Johnson, O Boticário e Natura, com fábricas em São José e em Portugal, é uma indústria pioneira na geração de créditos de biodiversidade. A empresa está inserida em uma cadeia produtiva altamente exigente quanto à sustentabilidade, e além de reduzir os impactos da operação começou a investir em projetos externos. O programa C-Pack Conserva é desenvolvido desde 2019 no Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, administrado pelo Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina (IMA).

O problema ali era o avanço do pinus, uma espécie exótica que foi plantada no passado e se alastrou em áreas de restinga, ampliando riscos ecológicos e contribuindo para a propagação de incêndios. A empresa estruturou um programa que passou a executar o corte de pinus e o manejo seguindo critérios técnicos definidos pelo IMA. O projeto incluiu ações de educação ambiental e a instalação de um meliponário com abelhas nativas para estimular a recuperação da floração local, o que acelerou a regeneração da vegetação nativa e proporcionou o reaparecimento de espécies raras.

O objetivo inicial não era gerar créditos, mas a evolução do conceito nos últimos anos permitiu a certificação pelo Instituto Life. O projeto inclui o acompanhamento técnico da evolução ambiental, que é base para a formação de créditos, e mais de 140 mil créditos já foram certificados. Por enquanto, a estratégia da companhia é acumular os créditos até que o mercado se consolide e eles sejam vendidos. "A ideia é aplicar o resultado da venda em novos projetos no próprio parque, onde há uma enorme demanda reprimida por investimentos ambientais", diz José Maurício Coelho, CEO da C-Pack. 

Parque Estadual da
Serra do Tabuleiro,
na região da Grande
Florianópolis

ADRIESTOCK

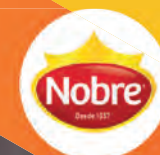
 **AURORA
COOP**

A ÉTICA É O QUE NOS MOVE

Kessia
Colaboradora

A transparência e o respeito são valores que guiam as ações na Aurora Coop. Com confiança, construímos relações sólidas e de longo prazo.

@AuroraCoopOficial



T12.com.br

PROPOSTAS para um mundo em TRANSFORMAÇÃO

Como Santa Catarina pode superar obstáculos e aproveitar oportunidades em uma nova ordem mundial?
Carta da Indústria, elaborada pela FIESC, elenca prioridades para orientar políticas públicas

O jogo global mudou de fase, com novos atores, novos objetivos e novas regras. Transformações que avançavam separadamente passaram a ocorrer ao mesmo tempo e em ritmo acelerado. A transição energética ganhou urgência diante das mudanças climáticas. A inteligência artificial saiu dos laboratórios e começou a alterar modelos de negócios inteiros. Cadeias globais de produção foram redesenhadas após pandemia, guerras e tensões geopolíticas. Recursos antes periféricos, como minerais críticos e bioinsumos, tornaram-se estratégicos.

Aos olhos dos mais argutos observadores não se trata de mais uma oscilação econômica, de um ciclo passageiro ou de uma crise localizada. O que está em curso é uma mudança estrutural na forma como países produzem, inovam, comercializam e competem. “Em momentos assim surgem oportunidades extraordinárias, mas também riscos proporcionais para quem demora a reagir. Santa Catarina tem tudo para aproveitar as oportunidades se conseguir se organizar, estabelecer objetivos comuns e superar algumas dificuldades históricas”, diz Gilberto Seleme, presidente da FIESC.

**Santa Catarina
reúne vantagens
para aproveitar as
oportunidades,
como base industrial
diversificada, tradição
exportadora, cultura
empreendedora e boa
qualidade de vida**

"Solicitamos ao poder público o compromisso de não elevar tributos, assegurando um ambiente favorável à produção, ao investimento e à geração de empregos em Santa Catarina"

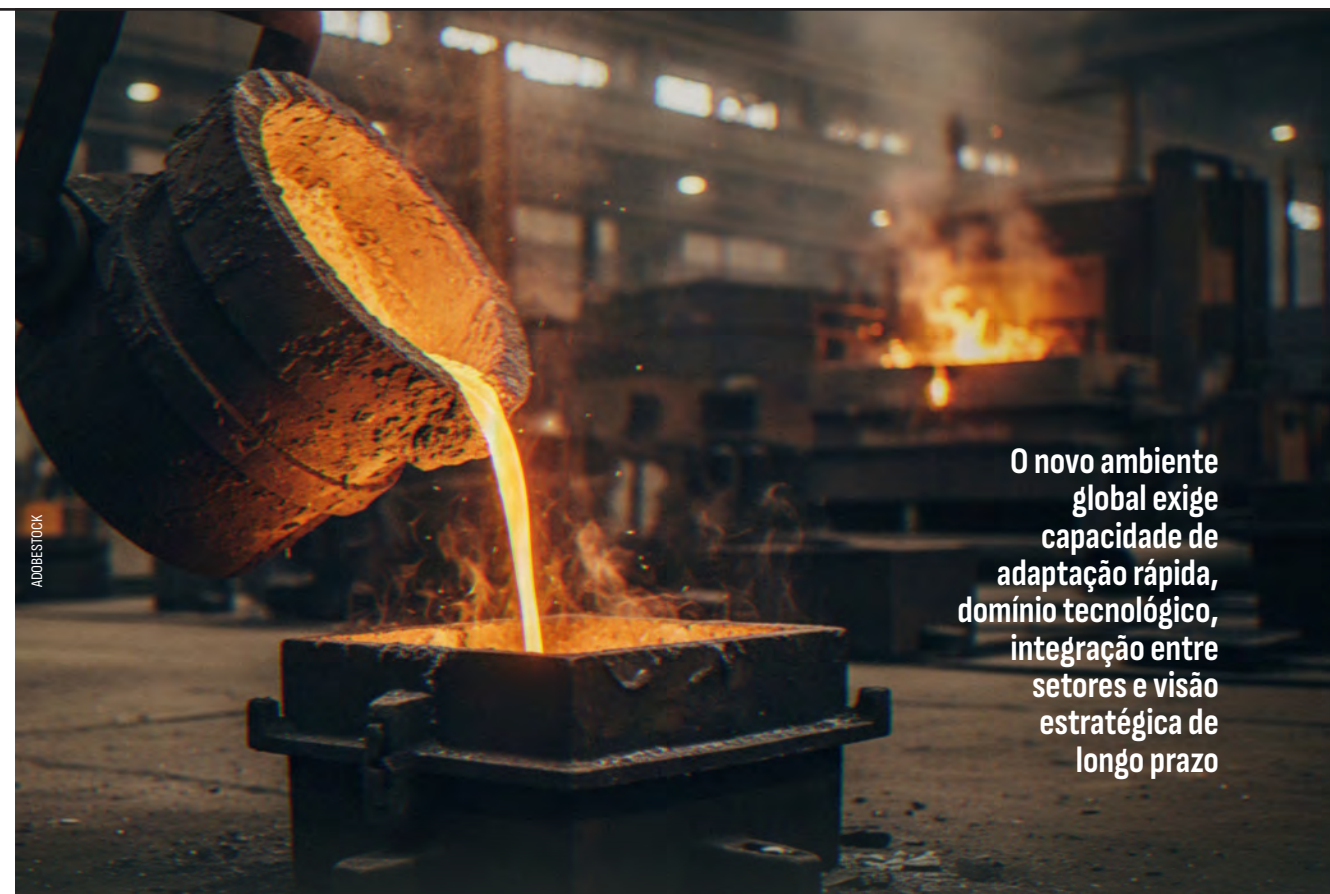
Gilberto Seleme,
presidente da FIESC



É nesse contexto que a FIESC apresenta a Carta da Indústria 2027-2030, documento que será entregue aos candidatos a cargos públicos nas eleições deste ano contendo uma agenda com prioridades para o desenvolvimento econômico e social catarinense. Mais do que um conjunto de propostas, a Carta consolida a contribuição da indústria para o debate sobre o futuro de Santa Catarina. "A Carta mostra que a indústria conhece os desafios estruturais do Estado e que existem soluções construídas a partir da experiência prática das empresas e da atuação técnica da Federação. O objetivo é oferecer uma referência para os tomadores de decisão, independentemente de quem estiver no Governo", afirma Seleme.

O documento tem inspiração em políticas que têm sido adotadas com sucesso em diversos países. Em cada um dos 10 temas analisados, a Carta apresenta uma visão de longo prazo para Santa Catarina, identifica os principais obstáculos ao desenvolvimento e propõe ações prioritárias para os próximos anos. Estrutura-se em pilares como a parceria entre o setor produtivo e as políticas públicas, o que inclui a não elevação da carga tributária. O objetivo é oferecer aos futuros governantes e legisladores uma agenda baseada em desafios concretos que afetam a competitividade da indústria e o desenvolvimento do Estado. A Carta está alinhada e se complementa ao documento Construindo o Brasil 2050, elaborado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), que apresenta propostas aos candidatos à presidência da República e ao Congresso Nacional.

FILIPPE SCOTTI



O novo ambiente global exige capacidade de adaptação rápida, domínio tecnológico, integração entre setores e visão estratégica de longo prazo



INCENTIVOS ECONÔMICOS

Ambiente de negócios favorável

O desenvolvimento depende de um ambiente capaz de estimular investimentos, ampliar o acesso ao crédito e reduzir custos. "Para melhorar o ambiente de negócios é necessário que as políticas públicas reconheçam o setor produtivo como parceiro estratégico", diz Pablo Bittencourt, economista-chefe da FIESC. A agenda passa pelo fortalecimento de políticas de incentivo econômico, segurança jurídica, responsabilidade fiscal e criação de condições para um novo ciclo de industrialização, com atração de investimentos, elevação da complexidade econômica e redução de desigualdades regionais. Entre as propostas estão evitar aumento da carga tributária, acelerar a devolução de créditos de ICMS para investimentos e exportações, adequar mecanismos de garantia de crédito à realidade das empresas que mais necessitam, reduzir custos financeiros de instituições de fomento, considerar as diferenças regionais na definição de incentivos e criar um fundo estadual voltado à atração de novos negócios e tecnologias.



Mais atenção à prevenção

A qualidade de vida dos trabalhadores é um ativo estratégico para a produtividade. O diagnóstico aponta desafios como o crescimento dos afastamentos por doenças crônicas e transtornos mentais, a fragmentação entre saúde, educação e assistência social, a baixa cobertura vacinal e a dificuldade de integração de dados para orientar ações preventivas. Em resposta, são propostas medidas como um programa estadual de saúde mental e saúde preventiva para trabalhadores, protocolos de reabilitação profissional e retorno ao trabalho após afastamentos, além da criação de uma plataforma estadual de dados que permita às empresas e ao poder público atuarem de forma mais preventiva e baseada em evidências. “É preciso que as políticas públicas estaduais reconheçam que saúde não se produz apenas dentro dos serviços de saúde, mas depende de atuação intersetorial sobre seus determinantes sociais, como educação, habitação, saneamento, alimentação, renda e condições de trabalho”, afirma Daniel Tenconi, diretor superintendente do SESI/SC.



CLEBER GOMES

Os impactos das transformações para a indústria são evidentes – e consequentemente são também impactantes para a economia e o desenvolvimento de Santa Catarina. Durante décadas, a competitividade industrial esteve associada principalmente a fatores como custo, escala, localização e acesso a mercados. São elementos que continuam importantes, mas já não bastam. O novo ambiente global exige capacidade de adaptação rápida, domínio tecnológico, integração entre setores e visão estratégica de longo prazo. “A construção de um ambiente favorável à inovação e ao empreendedorismo é fundamental. Assim como um planejamento estratégico para o Estado envolvendo os setores público e privado”, diz José Eduardo Fiates, diretor de Desenvolvimento Industrial e Inovação da FIESC.

A indústria catarinense compete com economias inovadoras e intensivas em tecnologia e com países de menor custo e regras diferentes das praticadas no Ocidente



EDUCAÇÃO

Formação conectada ao mercado

Os desafios vão desde a queda do desempenho escolar ao longo da educação básica até a dificuldade de conectar a formação dos jovens às demandas da nova indústria. Apenas 22% dos estudantes do 9º ano da rede pública atingem aprendizagem adequada em matemática, percentual que cai para 7% no ensino médio. Além disso, mais de 300 mil trabalhadores da indústria catarinense não concluíram a educação básica, e cerca de 178 mil jovens não estudam nem trabalham. As principais propostas são ampliar a escolarização, fortalecendo a alfabetização e a aprendizagem em matemática e língua portuguesa, ampliar a Educação de Jovens e Adultos (EJA) integrada à qualificação profissional, expandir o ensino técnico alinhado às vocações regionais e criar mecanismos que aproximem ainda mais educação, inovação e mercado de trabalho. “São ações essenciais para formar talentos, aumentar a produtividade, impulsionar a inovação e promover a inclusão produtiva”, diz Fabrício Pereira, diretor regional do SENAI/SC.



FILIPE SCOTTI



Maior inserção das pequenas

A inserção das empresas catarinenses nas cadeias globais de valor amplia a produtividade, acelera o acesso à tecnologia e fortalece a competitividade. Porém, ainda é baixa a participação das pequenas e médias empresas no comércio exterior, e há diversos fatores limitantes como a burocracia nos processos aduaneiros, a insegurança regulatória, os gargalos logísticos e a limitada participação do setor produtivo nas negociações comerciais. Dentre as principais propostas estão a formulação de programas de integração entre PMEs e grandes exportadoras, ampliação do uso de inteligência artificial e digitalização nas operações aduaneiras, fortalecimento da infraestrutura logística, revisão de acordos comerciais e maior participação da indústria brasileira em missões comerciais e negociações internacionais. “Essa agenda só avança quando o setor produtivo é reconhecido como parceiro estratégico das políticas públicas”, diz Maria Teresa Bustamante, presidente da Câmara de Comércio Exterior da FIESC.

A inteligência artificial impacta desde a produtividade fabril até o desenvolvimento de novos medicamentos. A busca por segurança energética redefine investimentos públicos e privados. As transformações em curso também alteram profundamente a geopolítica e as relações econômicas internacionais. “O mundo atravessa uma transição comparável às grandes reorganizações da ordem econômica global ocorridas após a Segunda Guerra Mundial”, diz Pablo Bittencourt, economista-chefe da FIESC.

A dinâmica internacional caminha para uma configuração mais polarizada entre Estados Unidos e China, com impactos diretos sobre cadeias produtivas, investimentos e estratégias empresariais. “Estamos saindo de uma ordem internacional relativamente estável para um ambiente mais incerto, marcado por disputas tecnológicas, comerciais e geopolíticas. Isso exige que regiões e países fortaleçam suas capacidades competitivas para não perder espaço”, afirma Bittencourt.

Nesse novo cenário, a indústria catarinense enfrenta um duplo desafio. De um lado, precisa competir com economias altamente inovadoras e intensivas em tecnologia. De outro, disputa mercados com países que operam sob estruturas produtivas de menor custo e regras diferentes das praticadas no Ocidente. A capacidade de adaptação passa a ser um fator decisivo para o desenvolvimento econômico. O Brasil como um todo não está bem posicionado. O País recuou sete posições no

ranking mundial de competitividade do IMD World Competitiveness Center neste ano, passando para a 65ª colocação. O ranking engloba 70 países.

“Estamos passando por um sistema de mudanças conectado, em que uma transformação puxa a outra”, diz José Eduardo Fiates. “Nesse cenário, empresas, regiões e países entram em uma espécie de encruzilhada: ou avançam para novos patamares de competitividade ou perdem espaço para concorrentes mais rápidos e coordenados.”



Cooperação e valor agregado

O fortalecimento de ecossistemas de inovação, ou o conjunto de agentes, estruturas e relações que permitem acelerar a incorporação de novas tecnologias e ampliar a participação do Estado em mercados de maior valor agregado, são essenciais para um projeto de desenvolvimento. De acordo com José Eduardo Fiates, diretor de Desenvolvimento Industrial e Inovação da FIESC, para avançar é necessário superar desafios como a ausência de direcionamento estratégico para P&D, baixa integração entre empresas, universidades e centros tecnológicos, escassez de profissionais qualificados e a limitada cooperação entre empresas. Entre as prioridades da FIESC estão elaborar um *roadmap* de tecnologias e mercados estratégicos, ampliar programas de formação tecnológica, fortalecer a integração entre pesquisa e setor produtivo, facilitar o acesso a financiamento e instrumentos de apoio à inovação, incentivar o desenvolvimento de produtos de maior valor agregado, promover a inovação ambiental e consolidar cadeias produtivas e a identidade dos produtos catarinenses nos mercados nacional e internacional.





Planejamento e participação privada

A infraestrutura de transportes influencia custos logísticos, produtividade e capacidade de integração aos mercados nacionais e internacionais. Para ampliar a eficiência do sistema é necessário superar desafios como a falta de planejamento de longo prazo, a insuficiência de investimentos, os gargalos e a dependência excessiva do transporte rodoviário. “É preciso ampliar, modernizar e integrar os diferentes modais, com coordenação entre setor público e iniciativa privada”, diz Egídio Martorano, presidente da Câmara para Assuntos de Transporte e Logística da FIESC. Entre as prioridades estão consolidar planos estaduais de logística e transporte como referência para os investimentos, garantir continuidade aos programas de melhoria das rodovias e ampliar recursos para manutenção da malha, priorizar acessos aos portos, estimular a participação privada com mais segurança regulatória, fortalecer a fiscalização das concessões, ampliar investimentos federais, expandir a malha ferroviária e melhorar a distribuição de gás natural no interior do Estado.



Diante desse novo ambiente, pequenas correções deixam de ser suficientes, de acordo com Fiates. A mudança exigida é mais profunda: envolve rever estratégias, reposicionar setores e acelerar decisões. Para empresas, isso pode significar sair da disputa exclusivamente por preço e avançar em tecnologia, marca e serviços. Para regiões, implica conectar vocações produtivas e infraestrutura. Para governos e entidades, requer criar condições para investimento, atração e retenção de talentos e inovação.

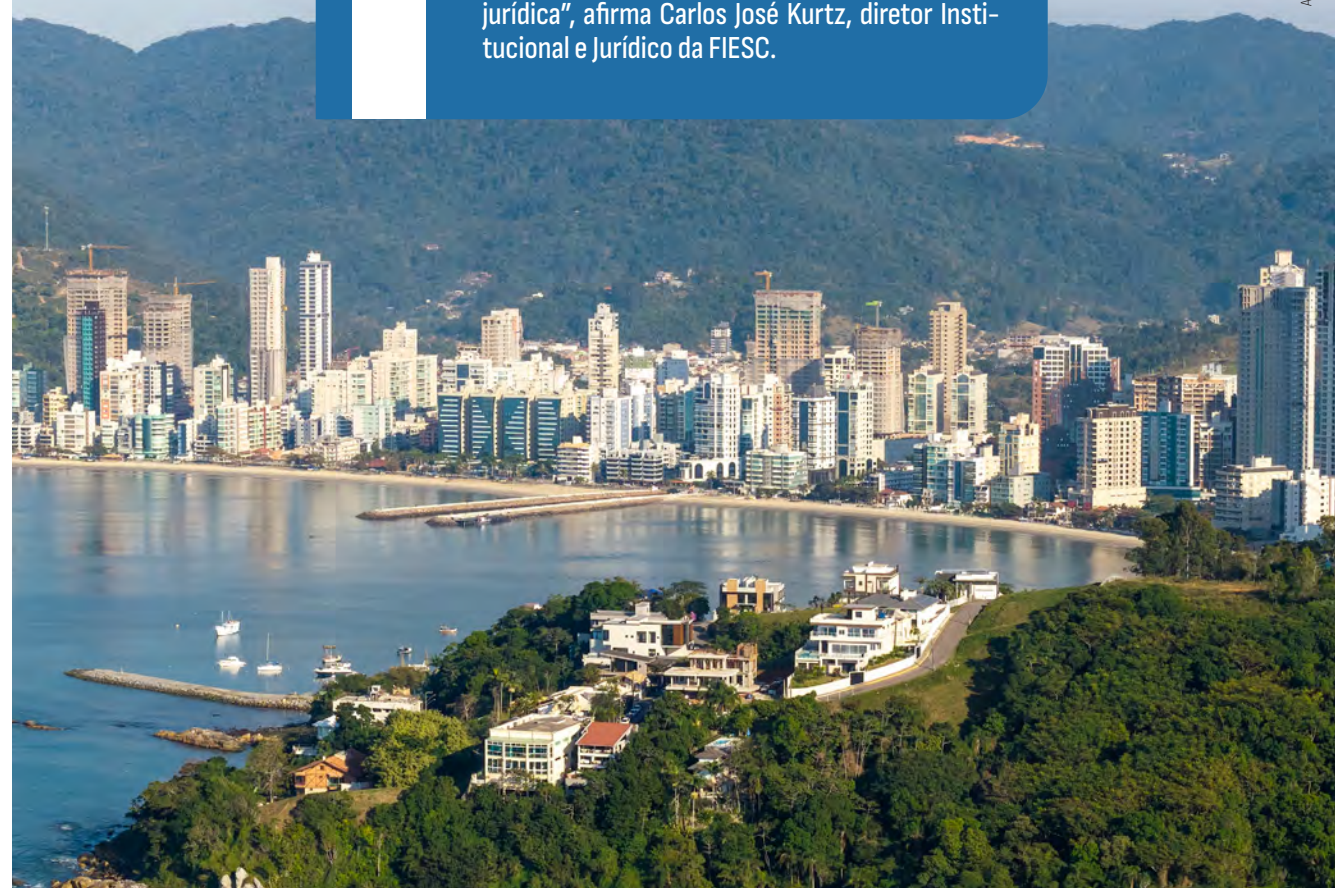
Com base nessa leitura do contexto geral, a Carta da Indústria foi estruturada a partir da identificação de prioridades consideradas estratégicas para Santa Catarina para os próximos anos. Elas abrangem desde temas ligados à infraestrutura, educação e qualificação profissional até internacionalização, inovação, meio ambiente, relações de trabalho e competitividade tributária. “Em vez de apresentar reivindicações isoladas, o documento busca organizar prioridades capazes de produzir efeitos sistêmicos sobre o ambiente de negócios e sobre a qualidade de vida da população catarinense”, explica Gilberto Seleme.

As propostas vão na direção do fortalecimento de ecossistemas competitivos, a partir da constatação de que a competitividade depende cada vez mais da qualidade do ambiente ao redor das empresas: fornecedores preparados, universidades conectadas, mão de obra qualificada, logística eficiente, financiamento, regulação adequada e capacidade de cooperação.



Desburocratizar e sanear

Para que a agenda ambiental seja tratada como fator de competitividade e inovação é necessário resolver problemas em frentes como a burocracia e a lentidão nos processos de licenciamento ambiental, os baixos índices de saneamento (apenas 29,1% da população catarinense possui acesso ao tratamento de esgoto), a necessidade de adaptação às mudanças climáticas e a distância entre a pesquisa acadêmica e as necessidades do setor produtivo. As propostas incluem implantar um Plano Estadual de Economia Circular com metas de reciclagem e logística reversa, ampliar os investimentos em saneamento básico e apoiar os municípios na adaptação a eventos climáticos extremos, estimular o desenvolvimento de tecnologias sustentáveis voltadas à indústria e ofertar linhas de crédito para atendimento às exigências do mercado externo. “Também é necessário modernizar e simplificar os processos de licenciamento ambiental, com maior digitalização, padronização e segurança jurídica”, afirma Carlos José Kurtz, diretor Institucional e Jurídico da FIESC.

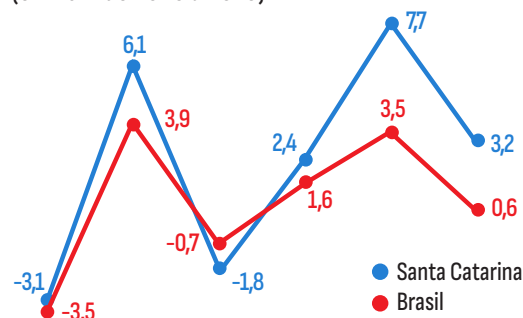


SC ACIMA DA MÉDIA

Mas muitas ações são necessárias para melhorar o desempenho

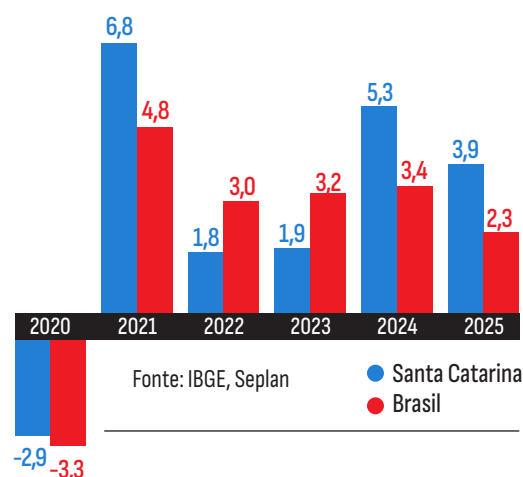
Crescimento da Indústria

(em % – de 2020 a 2025)



Fonte: IBGE/Pesquisa Industrial Mensal e Contas Regionais

Crescimento do PIB



Fonte: IBGE, Seplan

Santa Catarina reúne vantagens importantes para aproveitar as oportunidades: base industrial diversificada, tradição exportadora, cultura empreendedora, boa qualidade de vida e forte presença de pequenas, médias e grandes empresas. O Estado está bem posicionado para aproveitar algumas das melhores oportunidades em áreas como transição energética, biotecnologia, alimentos, minerais e transformação digital.

Ao mesmo tempo, enfrenta desafios que pressionam sua competitividade. A escassez de mão de obra tornou-se um gargalo transversal. A produtividade é baixa em setores intensivos de mão de obra. A infraestrutura logística precisa acompanhar o ritmo de crescimento. Mudanças tributárias, com o fim do atual sistema de incentivos fiscais, exigirão novos modelos de atração e retenção de investimentos. A fragmentação regional pode limitar ganhos de escala e articulação.

Para converter potencial em crescimento efetivo são necessárias ação coordenada e capacidade de fazer boas escolhas. A Carta da Indústria parte do princípio de que a FIESC acumulou conhecimento aprofundado sobre os obstáculos que limitam o desenvolvimento catarinense e sobre os caminhos capazes de ampliar sua competitividade, ao mesmo tempo que possui um olhar privilegiado sobre as novas condicionantes da competitividade.

“A FIESC reúne competências técnicas construídas ao longo de décadas e mantém contato direto

com empresários, trabalhadores, pesquisadores e lideranças regionais. Isso permite compreender problemas concretos da economia e transformá-los em propostas. Não se trata de substituir o papel do Governo, mas de atuar como um parceiro qualificado na construção de soluções”, diz Bittencourt. A lógica é que enquanto empresários identificam dificuldades e oportunidades no dia a dia, a Federação organiza esse conhecimento, agrega análise técnica e cria canais de interlocução com o poder público, construindo um ambiente mais favorável ao desenvolvimento.

A Carta da Indústria 2027-2030 se soma a importantes iniciativas históricas da FIESC, que a consolidaram como uma das instituições responsáveis por formular visões de longo prazo para o desenvolvimento catarinense, com resultados notáveis. Celso Ramos, fundador e primeiro presidente da FIESC, a partir de 1950 reuniu empresários, economistas e gestores públicos para discutir Santa Catarina e levantar suas maiores necessidades – foram os Seminários Socioeconômicos. O material serviu de base para a sua gestão como governador do Estado (1961-1966). Com ênfase no planejamento, Ramos implantou o primeiro orçamento plurianual do Brasil a partir de seu plano de metas denominado Plameg.

Desde então a FIESC é uma interlocutora permanente dos governos estaduais e municipais, contribuindo para a elaboração de políticas públicas, projetos estratégicos e programas voltados ao fortalecimento da competitividade.



RELAÇÕES DE TRABALHO



Valorização da negociação coletiva

As relações de trabalho precisam acompanhar as transformações econômicas e produtivas, conciliando competitividade, produtividade e valorização dos trabalhadores. Ao invés da uniformização de regras, é preciso reconhecer a negociação coletiva como instrumento fundamental para adaptar jornadas, escalas e condições de trabalho às diferentes realidades dos setores produtivos, garantindo maior segurança jurídica e equilíbrio nas relações laborais. Entre as prioridades da FIESC estão preservar a autonomia das negociações coletivas e incentivar modelos de organização do trabalho construídos entre empresas e trabalhadores. “Também é essencial avaliar previamente os impactos econômicos e sociais de mudanças na legislação trabalhista, respeitando as especificidades setoriais e regionais, e garantir períodos adequados de transição para novas regras que afetem as relações de trabalho”, diz Carlos José Kurtz, diretor Institucional e Jurídico da FIESC.



SEGURANÇA PÚBLICA



Prevenção, capacidade e inteligência

A segurança pública contribui para atração de investimentos, preservação do patrimônio, qualidade de vida e confiança dos agentes econômicos. Para manter um ambiente seguro diante de desafios como o avanço de organizações criminosas, violência contra a mulher, eventos climáticos extremos e evolução tecnológica dos delitos, é preciso estabelecer metas permanentes para manutenção dos indicadores que posicionam Santa Catarina entre os estados mais seguros do Brasil, com o fortalecimento de ações preventivas, da capacidade operacional das forças e do uso de inteligência. Entre as prioridades estão ampliar a rede de proteção e atendimento às mulheres vítimas de violência, garantir investimentos em efetivo, capacitação, equipamentos e infraestrutura das forças de segurança, modernizar sistemas com integração de dados, videomonitoramento inteligente e inteligência artificial, e fortalecer a Defesa Civil com monitoramento, alertas antecipados, planos de contingência e estratégias de adaptação para reduzir impactos de desastres naturais.

SETORES DA INDÚSTRIA



Agendas específicas

A diversidade da indústria catarinense – que reúne cadeias produtivas adensadas em segmentos como alimentos, têxtil, metalmeccânico, madeira e móveis, papel e celulose, tecnologia da informação, construção e energia – faz com que parte dos desafios ao desenvolvimento exija soluções específicas para cada setor. Além das propostas de caráter transversal, há demandas regulatórias, tributárias e de infraestrutura que respondem às particularidades de diferentes atividades econômicas, mas que também contribuem para elevar a competitividade do conjunto da indústria. Entre as prioridades estão aperfeiçoar normas para a cadeia do pescado, fortalecer a indústria de base florestal, expandir a infraestrutura elétrica, de gás natural e de telecomunicações, ampliar investimentos em infraestrutura urbana e logística, preservar condições de competitividade para a indústria têxtil diante das importações e acelerar a transição tecnológica dos setores metalmeccânico, de bens de capital e automotivo para a Indústria 4.0.



Em 2012, por exemplo, o Programa de Desenvolvimento Industrial Catarinense (PDIC 2022) serviu de base para a política industrial de Santa Catarina. O Programa Travessia foi desenvolvido durante a pandemia para superar a crise e reinventar o futuro. Já o Plano Avança SC Indústria, atualmente em curso e alinhado ao Avança SC, con-

duzido pelo Governo do Estado, busca planejar o desenvolvimento de forma integrada. “A Carta da Indústria reforça uma característica histórica da FIESC, que é a convicção de que o desenvolvimento sustentável depende da cooperação entre empresas, governos, universidades e sociedade civil”, diz o presidente da FIESC Gilberto Seleme. **IC**

Apoiar a indústria é apoiar mais acessibilidade e oportunidades para todos.

A indústria de Santa Catarina faz muito mais do que produtos. Ela gera empregos, que geram mais acesso à educação, à saúde, à infraestrutura, à inovação, num grande ciclo virtuoso de desenvolvimento e bem-estar. Por isso, o trabalho da FIESC, acima de tudo, é ajudar a melhorar a vida das pessoas. E não tem nada mais importante do que isso.

Esta campanha é feita por pessoas reais da indústria de SC. Francielle é colaboradora da FIESC.



FIESC
SESI | SENAI | IEL | CIESC

Nossa força
vem das pessoas.



A reinvenção DA PROTEÍNA

Convergência entre tecnologia da informação e biotecnologia transforma Florianópolis em peça estratégica da JBS para liderar a próxima geração de inovação alimentar

Depois da revolução promovida pela internet e da transformação acelerada pela inteligência artificial, uma nova fronteira tecnológica mobiliza gigantes globais da indústria: a biotecnologia. E foi em Santa Catarina – mais precisamente em Florianópolis, onde se consolidou um dos principais ecossistemas tecnológicos do País – que a maior empresa de alimentos do mundo decidiu instalar seu centro de biotecnologia avançada, que tem o objetivo de elevar o valor agregado da cadeia global de proteínas. A inauguração da JBS Biotech em abril posiciona o Estado no centro de uma transformação que pode redefinir a forma como os alimentos serão desenvolvidos, produzidos e consumidos.



A companhia avaliou diferentes locais antes de optar pela capital catarinense, onde identificou uma combinação rara de infraestrutura tecnológica, disponibilidade de talentos e qualidade de vida capaz de sustentar um projeto científico de longo prazo. De acordo com a CEO da JBS Biotech, Fernanda Berti, a integração entre tecnologia da informação e biotecnologia é fundamental porque processos biotecnológicos modernos dependem de volumes massivos de dados, modelagens computacionais e inteligência artificial para acelerar pesquisas e reduzir o tempo necessário para validação experimental. “Os dados são o tesouro da biotecnologia”, resume a executiva.

A conexão entre as áreas ajuda a explicar por que ecossistemas tradicionalmente ligados à tecnologia digital vêm se tornando polos globais de biotecnologia, como Cambridge e o próprio Vale do Silício, onde atuam empresas que operam na fronteira da computação com a biologia. No caso catarinense, a presença de empresas de software, ciência de dados, automação e inteligência artificial cria uma base para o avanço de pesquisas ligadas à engenharia molecular, genômica e nutrição de precisão, dentre outras áreas.

A estrutura do centro de pesquisas revela essa convergência. Instalada no parque tecnológico Sapiens Parque, em uma área de 4 mil metros quadrados, a JBS Biotech reúne mais de 20 laboratórios especializados, infraestrutura de supercomputação, sequenciamento genético, sistemas avançados de análise de dados, inteligência artificial e fer-



“Inovação científica não se desenvolve de forma isolada”

Fernanda Berti, CEO da JBS Biotech

ramentas de genômica, proteômica e metabolômica – estas últimas estudam o DNA, as proteínas e os metabólitos, que são as moléculas geradas pelo metabolismo como açúcares, aminoácidos e lipídios. Também possui um biobanco, para preservação de amostras biológicas e tem capacidade de cultivo de células, micro-organismos e plantas. “O objetivo é permitir que pesquisadores trabalhem desde a ciência básica até a validação industrial de novas tecnologias em um mesmo ambiente, conectando biologia molecular, engenharia e modelagem computacional”, explica Fernanda Berti.

A iniciativa fortalece a pretensão de Santa Catarina se consolidar como um polo de biotecnologia, com potencial para atrair pesquisadores, startups, fornecedores especializados e novos investimentos ligados à ciência aplicada. A própria JBS promoveu um movimento de repatriação de cientistas brasileiros que atuavam em centros internacionais de pesquisa e retornaram ao País para integrar a equipe da Biotech. Além das dimensões do projeto, a qualidade de vida de Florianópolis foi decisiva para que os pesquisadores topassem o desafio.

Para Berti, a presença da companhia pode funcionar como elemento mobilizador de um ecossistema biotecnológico ainda em consolidação. “Inovação científica não se desenvolve de forma isolada. Mesmo como empresa privada, olhando para inovação incremental ou disruptiva, a gente não faz nada sozinho”, afirma a executiva.



Instituto SENAI de Inovação em Florianópolis: parceria de primeira hora



CENTRO DE INOVAÇÃO

Os números da JBS Biotech em Florianópolis

Investimento
R\$ 270 milhões

Área
4 mil m²

Laboratórios especializados
20

Projetos de pesquisa
em andamento
8

Bioprospecção | A relação construída com a FIESC ajuda a ilustrar essa lógica colaborativa. Antes mesmo da conclusão da sede da JBS Biotech, os primeiros pesquisadores da empresa utilizaram as instalações do Instituto SENAI de Inovação em Sistemas Embarcados (ISI-SE), em Florianópolis. Ali foram planejados os primeiros projetos, laboratórios foram estruturados e parcerias articuladas. A convivência abriu espaço para parcerias, como um projeto financiado pela Embrapii voltado à prospecção de novos insumos para a cadeia de proteína cultivada. A iniciativa reuniu a JBS, a empresa Duas Rodas – hoje DR Aromas & Ingredientes –, as startups BioMeHub e AlgaSul, além de unidades do SENAI de outros estados.

O projeto investigou meios alternativos para cultura celular, reduzindo a dependência de insumos tradicionais utilizados em pesquisas de proteína cultivada – tecnologia que serviu como marco motivador para a criação da JBS Biotech. Uma das entregas foi um protótipo de software voltado à bioprospecção, capaz de investigar como organismos podem contribuir em diferentes contextos industriais. “Embora o sistema tenha surgido dentro do contexto de proteína cultivada, ele pode ser adaptado para outros setores, como cosméticos, materiais e bioingredientes”, diz Leonardo Oliveira, gerente de Operações do ISI-SE.

A parceria se expandiu para outras frentes. O Instituto SENAI

passou, por exemplo, a prestar serviços especializados de ensaios laboratoriais, análises proteômicas e metabolômicas, consultorias para implantação de processos industriais e apoio técnico na aquisição de equipamentos científicos. Além disso, serviu como ponto de conexão com a rede de Institutos SENAI de todo o Brasil. “A chegada da JBS Biotech fortalece um ambiente que já reúne startups, centros de pesquisa e empresas ligadas à inovação científica, criando novas demandas por serviços tecnológicos, desenvolvimento de software, modelagem computacional e pesquisa aplicada. A pesquisa biotecnológica como um todo é fomentada com a presença desse centro em Florianópolis”, afirma Oliveira.

O parque ganhou tração

Criado há pouco mais de duas décadas em Florianópolis, o Sapiens Parque vive nova fase de expansão e consolidação. Depois de anos avançando em ritmo lento, o parque tecnológico instalado no Norte da Ilha ganhou tração com a chegada de novas empresas, centros de pesquisa, universidades, serviços sofisticados e investimentos em infraestrutura. O ambiente reúne desde empresas consolidadas de tecnologia até operações ligadas à biotecnologia, nanotecnologia, pesquisa científica, inteligência artificial e inovação industrial. A chegada da JBS Biotech tornou-se simbólica desse novo ciclo, ao posicionar o parque também como polo emergente de biotecnologia avançada.

O novo momento também é marcado pela ampliação da infraestrutura urbana e da oferta de serviços. Restaurantes, espaços de convivência, áreas de eventos, operações comerciais, escola bilíngue e projetos voltados ao turismo, esporte e inovação pública começam a consolidar o conceito original de criar uma “cidade da inovação”. Com mais de 4 milhões de metros quadrados, o empreendimento combina ciência, negócios, tecnologia, preservação ambiental e qualidade de vida em um mesmo território.

158

Número de empresas atuando no Sapiens Parque

SECOM GOVSC

Muito além DA CARNE

JBS amplia atuação no mercado global de alimentos ao investir em proteínas funcionais e tecnologias voltadas à nutrição de precisão

Líder mundial na produção de proteínas – entregues principalmente na forma carne bovina, suína, de aves, ovos e derivados – a JBS busca novas maneiras de atuar no mercado de alimentos, antecipando-se a tendências capazes de redefinir o mercado. Com a implantação da JBS Biotech, a empresa deverá migrar parcialmente da lógica de processamento de *commodities* para um modelo baseado em conhecimento científico, ingredientes de alto valor agregado e soluções nutricionais customizadas. “A biotecnologia será decisiva para sustentar competitividade em um cenário marcado por crescimento populacional, mudanças nos hábitos de consumo e busca crescente por alimentos funcionais e personalizados”, diz a CEO da JBS Biotech, Fernanda Berti.

Nessa lógica, uma das principais linhas de pesquisa da nova unidade de negócios é o desenvolvimento de suplementos alimentares. O centro trabalha com o conceito de “superproteínas”, ingredientes desenhados em nível molecular para entregar funções nutricionais específicas, como ganho de massa muscular, melhora metabólica, fortalecimento imunológico e saúde da pele. O foco das pesquisas não está apenas na quantidade de proteína presente nos alimentos, mas na digestibilidade e na capacidade real de absorção dos nutrientes pelo organismo.

US\$ 30 bilhões

Mercado global de suplementação proteica

ADOBESTOCK

Esse tipo de abordagem permite avançar na chamada nutrição de precisão – conceito baseado no desenvolvimento de ingredientes e alimentos ajustados a necessidades específicas de diferentes perfis de consumidores, com soluções cada vez mais personalizadas. A estratégia está ligada às mudanças no comportamento do mercado. De acordo com Berti, as novas gerações querem compreender melhor o que consomem e buscam alimentos que entreguem saúde, funcionalidade e bem-estar. O mercado global de suplementação proteica é estimado em cerca de US\$ 30 bilhões, com expansão anual próxima de 10%.



DIVULGAÇÃO

Nutrição de precisão: busca por soluções cada vez mais personalizadas e funcionais

po estão sendo mapeados para que possam ser utilizados em novas aplicações industriais.

“Nosso negócio não é desenvolver produtos acabados, mas produzir conhecimento e tecnologia para apoiar demandas atuais e desafios futuros, trabalhando com projetos de curto, médio e longo prazo”, afirma Berti. O conhecimento gerado já começou a ser aplicado em produtos desenvolvidos por unidades de negócios do grupo, como no caso de um colágeno da Genu-in, marca voltada ao segmento de ingredientes e suplementação. O produto recebeu funcionalizações moleculares voltadas à melhora da firmeza da pele e teve eficácia reconhecida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). [IC](#)

Saúde animal | Outro eixo estratégico da atuação da JBS Biotech é a área de saúde animal. Neste segmento, a biotecnologia é utilizada em conjunto com ciência de dados e inteligência artificial para monitoramento, organização e análise de informações ligadas ao bem-estar animal, produtividade e eficiência da cadeia produtiva, dentre outras aplicações. Além disso, o centro trabalha na melhoria de itens já existentes e subprodutos dos processos do grupo.



Sua indústria cresce. O backoffice acompanha?

Sistemas desconectados, retrabalho manual e equipes sobrecarregadas.

O Inova Talentos coloca um profissional especializado dentro da sua operação para **automatizar processos, integrar sistemas e gerar resultados reais**.

 **SEM VÍNCULO EMPREGATÍCIO**

 **COM INCENTIVO FISCAL**

- Recebimento fiscal
- Conciliação de pedidos
- Integração PCP/Comercial
- Análise preditiva de demanda
- BI operacional
- Automação de contratos
- IA para análise documental



“A solução reduziu em até 85% o tempo dedicado à operação, transformando um trabalho que levava até 15 dias em uma atividade realizada automaticamente, em poucos minutos.”

Rafael – 1º pesquisador Inova Talentos efetivado como cientista de dados

SCHULZ



Fale com um especialista
(48) 3239-5780

**INOVA
TALENTOS**

IEL Instituto
Euvaldo
Lodi



Um negócio com A PILHA TODA

Com investimento da WEG em Itajaí, Santa Catarina entra na corrida global do armazenamento de energia, mercado que cresce mais rápido que a geração solar e eólica em diversas regiões do mundo

A importância crescente no País de fontes renováveis de energia como a solar e a eólica impulsiona investimentos em um tipo de tecnologia que permite armazenar eletricidade gerada em períodos de grande produção para distribuí-la posteriormente, reduzindo o risco de apagões em momentos de grande consumo. São os BESS (sistemas de armazenamento de energia em baterias, na sigla em inglês), instalações modulares formadas por baterias, inversores e outros componentes.

Um estudo publicado no ano passado pela consultoria Greener calculou que o mercado de armazenamento de energia em baterias pode movimentar R\$ 22,5 bilhões no Brasil até 2030. Outra estimativa, da Associação Brasileira de Soluções em Armazenamento de Energia (Absae), aponta um potencial de mercado ainda maior, de R\$ 44 bilhões, caso o País crie um marco legal consistente para o setor que dê segurança a fabricantes e investidores.

Um exemplo recente desse tipo de investimento é a planta industrial dedicada à produção de BESS que a WEG começa a construir em Itajaí, com previsão de início de operação no segundo semestre de 2027. A unidade terá um alto nível de automação industrial – ainda assim, vai gerar 90 empregos diretos. Além da fábrica, contará com um laboratório para testes, desenvolvimento e qualificação de produtos, e uma subestação de energia para simulação de condições reais de operação.

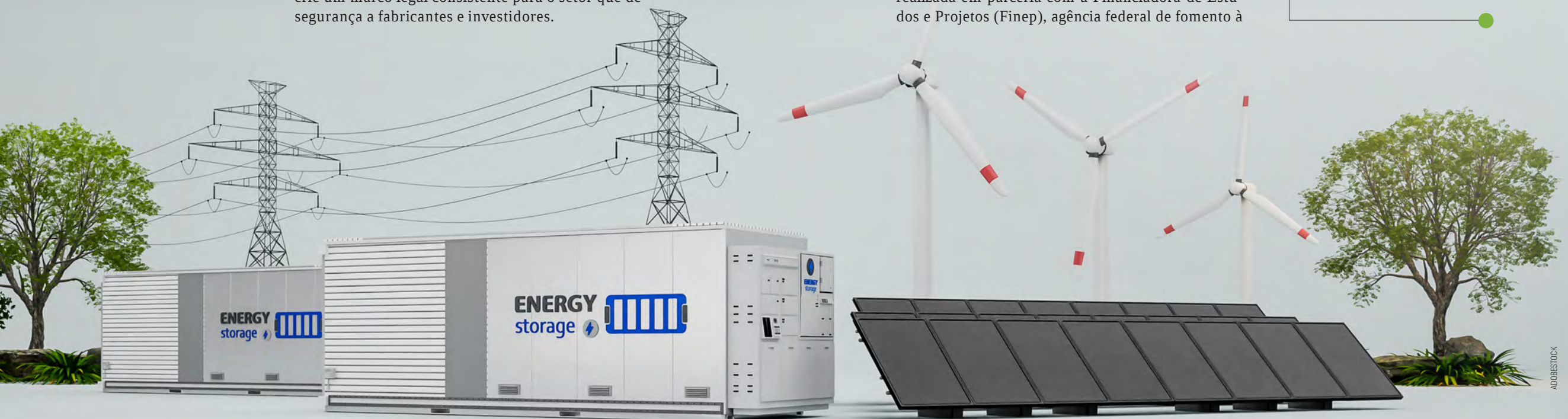
A capacidade inicial será de até 2 GWh (gigawatt-hora) por ano, o que equivale a uma produção anual de cerca de 400 módulos de 5 MWh (megawatt-hora) – esta quantidade de energia é apropriada para o uso em indústrias e grandes estabelecimentos comerciais. Atualmente, a empresa já produz em outras de suas fábricas o equivalente a 1 GWh em células, módulos e packs e baterias, que são comercializados no Brasil e em países como África do Sul, Colômbia, Estados Unidos, México e Finlândia.

Para construir a nova planta, a WEG obteve financiamento de R\$ 280 milhões de um programa do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Mais Inovação. O projeto foi o primeiro contratado em uma chamada pública voltada para transição energética e descarbonização, realizada em parceria com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), agência federal de fomento à

DIVULGAÇÃO



Johann: BESS deve ganhar protagonismo por atender uma necessidade estrutural do setor elétrico





Armazenamento garantirá
fornecimento contínuo de energia
limpa em Fernando de Noronha

inovação. “A nova fábrica em Itajaí representa um dos principais investimentos industriais recentes da companhia na área de transição energética”, afirma Manfred Peter Johann, vice-presidente de Automação e Sistemas da empresa.

Data centers | Diferentes perfis de clientes no Brasil e no exterior devem se beneficiar da oferta de soluções BESS da WEG, como empresas do setor elétrico, usinas solares e eólicas, operadores logísticos e data centers, grandes fazendas (que necessitam energia, por exemplo, para irrigação), clientes comerciais com elevado consumo energético, entre outros. Quem comprar um módulo poderá ter acesso a linhas de crédito do Finame, do BNDES. Essa opção já está disponível para os equipamentos produzidos atualmente,

graças a um acordo de “nacionalização progressiva” dos componentes celebrado com o banco.

Em um sistema BESS a energia pode ser captada de diferentes fontes por um controlador de carga, responsável por gerenciar o processo de carregamento e descarregamento das baterias. Quando há demanda, a carga acumulada passa por um inversor, que transforma a corrente elétrica no padrão compatível para ser usada em equipamentos elétricos. Além das baterias, do inversor e dos sistemas de gerenciamento, os módulos dispõem de sistemas de refrigeração e de proteção contra incêndio.

A WEG está fornecendo sistemas BESS para garagens de ônibus elétricos da capital paulista – cada módulo com capacidade de 4,5 MWh de energia pode carregar até 120 coletivos. Outro exemplo

de aplicação dessa tecnologia é uma parceria com a empresa Neoenergia para descarbonizar a geração de energia em Fernando de Noronha, com a instalação de uma usina com 30 mil painéis solares acoplada a um sistema BESS com capacidade de 49 MWh para armazenamento. O objetivo é viabilizar, até o final de 2026, o fornecimento contínuo de energia limpa durante a noite e mesmo em dias nublados na ilha. A geração hoje é feita por uma termelétrica que utiliza predominantemente biodiesel.

O BESS complementa a atuação da WEG em geração, transmissão, distribuição, automação e energia solar. No futuro, deve ganhar protagonismo por atender uma necessidade estrutural do setor elétrico: trazer estabilidade, flexibilidade e maior eficiência para uma matriz com crescente participação de fontes renováveis intermitentes, como solar e eólica. A produção dos sistemas será integrada à cadeia industrial já consolidada da WEG no Brasil. “O objetivo é ampliar o conteúdo nacional dos sistemas, incorporando equipamentos produzidos localmente, como transformadores, automação, painéis, cubículos de média tensão e sistemas de supervisão e controle”, diz Johann.



**R\$ 44
BILHÕES**

Mercado
potencial de BESS
no Brasil até 2030

2 GWh/ano

Capacidade de
produção da
WEG em Itajaí

NO TRABALHO, CUIDAR DA AUDIÇÃO TAMBÉM É CUIDAR DAS PESSOAS

Previna perdas auditivas e
fortaleça a cultura de
cuidado nas empresas.

Conheça as soluções
em Audiologia
Ocupacional do
SESI Saúde:



sesisaudesc.com.br

sesi+
saúde

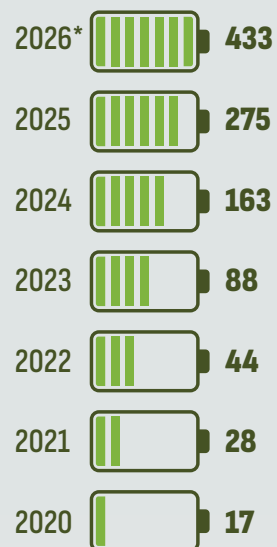


Gestão de excedentes | No início de junho, o Ministério de Minas e Energia publicou uma portaria estabelecendo as diretrizes do primeiro leilão de reserva de capacidade dedicado a novos sistemas de armazenamento de energia em baterias no País. Dois leilões estão programados no início de dezembro, um deles voltado para BESS com conteúdo nacional. Com isso, poderão contribuir para a gestão de excedentes de geração de energia renovável e reduzir o chamado *curtailment*, que é a interrupção deliberada da produção de uma usina, mesmo com capacidade para gerar, para não colocar em risco a estabilidade do sistema. A portaria prevê início de suprimento em agosto de 2028.

De acordo com a engenheira eletricista Francielli Cordeiro, coordenadora dos cursos de engenharia da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), campus Pedra Branca, em Palhoça, a regulamentação e o desenvolvimento do mercado poderão ter impacto na redução dos custos e na ampliação da oferta de energia para grandes indústrias.

Baterias carregadas

Capacidade global instalada de armazenamento de energia, em GW



• (*) Projeção
• Obs.: Excluindo hidrelétricas de bombeamento
• Fonte: BloombergNEF

Sistemas BESS carregam ônibus elétricos na capital paulista



“Hoje, em horários de muita demanda e pouca produção, os custos podem se elevar no mercado livre de energia, levando à redução do consumo. As indústrias não são como os consumidores residenciais, que podem deixar tarefas para fazer em outros momentos”, explica.

Para além de equilibrar o mercado, sistemas BESS também podem ser adquiridos por empresas, permitindo o armazenamento e o gerenciamento próprios de energia excedente, observa Cordeiro. Um módulo para uma indústria de pequeno porte pode ser adquirido por cerca de R\$ 200 mil.

No mundo, a expansão do armazenamento de energia é mais acelerada do que o crescimento da ener-

gia eólica e solar. O preço médio global dos sistemas BESS caiu 84% em dez anos, de acordo com o serviço BloombergNEF. O desempenho é atribuído ao avanço do mercado dos carros elétricos, que propiciou escala industrial e ganhos de eficiência à produção de baterias, principalmente de lítio. A capacidade global de armazenamento de energia ganhou 112 gigawatts adicionais em 2025, crescimento de 48% em relação a 2024. Estima-se que, até 2036, a adição anual de armazenamento seja três vezes maior. A China é o grande dínamo do amadurecimento deste setor, com mais da metade das adições anuais – quatro vezes mais do que o segundo colocado, os Estados Unidos. **IC**

EJA SESI

DESENVOLVA SUA EQUIPE E
IMPULSIONE O SEU NEGÓCIO

GRATUITA PARA TRABALHADORES
DA INDÚSTRIA



Dupla certificação
Ensino básico e qualificação profissional do SENAI
Soluções educacionais personalizadas



Inscrições abertas



SESI



NÃO É SPRINT, é maratona

Maitê Lang aplica a disciplina das longas caminhadas na gestão da Nugali, marca pioneira que mudou o patamar do chocolate brasileiro

POR LEO LAPS



LEO LAPS

Enquanto examinava a centena de nomes que havia reunido para batizar o primeiro negócio próprio, uma meta de vida prestes a se concretizar após anos de trabalho em empresas como Audi e Embraer, a engenheira Maitê Lang tinha uma regra: a escolha final deveria ter pronúncia fácil em qualquer idioma. “Eu sonhava com as estrelas. Eu ia exportar, conquistar o mundo. Queria que a marca fosse pronunciável no mundo todo”, explica a criadora da Nugali. A empresa fundada há 22 anos em Pomerode, no Vale do Itajaí, tornou-se pioneira no mercado de chocolates premium brasileiro – até então dominado por importados. Abraçou o método *bean to bar*, em que o fabricante controla toda a cadeia de produção, do cultivo do cacau ao produto embalado, e hoje domina 20% do mercado nacional no segmento.

Bem-humorada e franca ao falar sobre os erros e acertos em duas décadas à frente da Nugali – onde tem como sócio o marido e ex-colega na Embraer, o também engenheiro Ivan Blumenschein –, Maitê demonstra paixão pelos processos na indústria. Segue dedicando tempo para tarefas operacionais, trabalhando com os colaboradores em busca de soluções e oportunidades. Confessa a falta de talento culinário, mas é dela o conhecimento para criar novas receitas de produtos. E, sempre que possível, Maitê aproveita para conversar com os consumidores. “É quando você mais aprende sobre o que deve fazer, que novo produto pode criar, como atender melhor”, avalia.

Logo de início, Maitê teve de repensar o modelo de negócio. A ideia de fabricar chocolates premium no Brasil nasceu com as muitas viagens internacionais que ela fazia pela Embraer. A cada embarque, amigos encomendavam chocolates e ela, que não era consumidora frequente, foi entendendo que a qualidade dos produtos disponíveis no Brasil deixava a desejar. Mas quando decidiu trocar São Paulo pela terra natal, a aposta era fazer e vender a massa de cacau, matéria-prima do chocolate. “Eu faria algo melhor do que havia no mercado e ia cobrar 30% a mais”, resume.



Nugali detém 20% do mercado nacional do segmento *bean to bar*, em que o fabricante controla toda a cadeia de produção



A proposta, porém, não seduziu os clientes e Maitê teve de pivotar rapidamente, criando embalagens para fazer os primeiros tablets por conta própria – “eram feias, uma catástrofe”, confessa. Pouco depois ela conheceu designers de Joinville em um curso de desenvolvimento de embalagens no Sebrae.

“Eles também estavam começando, e estão com a gente até hoje. Com as embalagens mais bem trabalhadas, o negócio foi andando. Sempre a passos curtos e firmes”, conta Maitê, revelando a influência

Empresa trabalha diretamente com produtores de cacau para obter matéria-prima de qualidade



do pai, o industrial Cid Lang, em sua visão de negócios. O empresário, hoje com 80 anos, fundou em Pomerode a fábrica de portas Göede & Lang e foi um dos fundadores da Associação Empresarial de Pomerode, tendo também integrado a FIESC por vários anos. “As empresas, na visão dele, precisam ser corretas, ter governança – algo que se fala muito hoje, mas que ele praticava há 50 anos”, conta.

Maitê e Ivan começaram a trabalhar diretamente com produtores de cacau para operar como empresa *bean to bar*, modelo de negócio com o objetivo de oferecer produtos com maior compromisso socioambiental. “Hoje se chama *fair trade*, mas a gente só achava que era o certo. Nosso interesse era comprar cacau bom, essencial para fazer chocolate bom. E ao mesmo tempo ajudar os produtores a fazer um cacau melhor e garantir que ficassem no campo. É ganha-ganha”, avalia.

Medalhas | Os produtos feitos pela Nugali logo encontraram respaldo no mercado. Em 2016, o Serra do Conduru 80% Cacau, produzido com grãos da região baiana, foi considerado o terceiro melhor chocolate amargo de origem única do planeta no International Chocolate Awards. Uma conquista inédita para marcas brasileiras. De lá pra cá, a empresa passou a empilhar medalhas internacionais. Já são mais de 40, muitas delas de ouro.

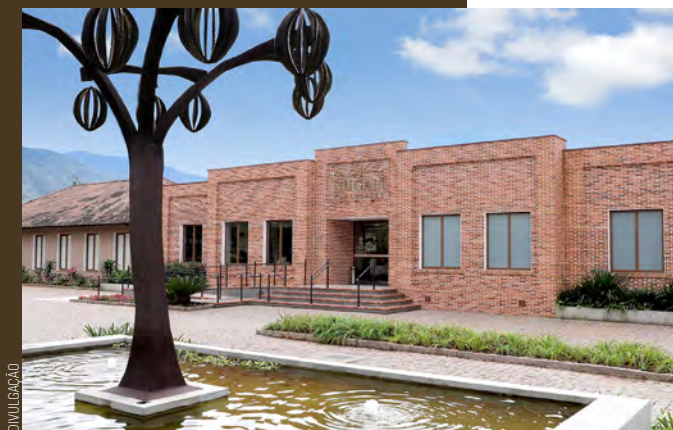
“Não imaginava esse reconhecimento lá no começo. Pensava em exportar, mas não sabia que era isso que elevaria o nome do cho-

colate brasileiro, que não tinha boa fama, pelo mundo”, considera Maitê. Japão, Emirados Árabes, Estados Unidos, França, Peru e Inglaterra já foram clientes, mas a empresa cessou negócios externos devido à crise do cacau em 2024, que restringiu acesso à matéria-prima. Por hora a opção é se manter no mercado interno, enquanto avança em outro processo orientado pela vontade de “fazer o certo”: a empresa reduziu o uso de plásticos em 84% desde 2020, e em 2023 lançou a primeira embalagem de chocolates biodegradável do Brasil.

A Nugali também ajuda a fomentar o turismo que hoje movimenta boa parte da economia de Pomerode. Foi a primeira empresa a fazer parte da Osterfest, a famosa feira de Páscoa do município. Em 2021 inaugurou no bairro histórico de Testo Alto, onde está a Rota do Enxaimel, uma simpática fábrica com loja e um *tour* que conta a história do chocolate pelo mundo e, claro, da própria empresa. Visitantes podem acompanhar etapas de produção pelas vidraças, incluindo uma estufa com pés de cacau onde o aroma costuma deixá-los surpresos – foram mais de 150 mil visitantes em 2025. No início do ano Ivan e Maitê fundaram um café colonial no mesmo bairro, em uma casa centenária, batizado de Mahlzeit – “bom apetite”, em alemão.

Aos 51 anos de idade, a empresária e mãe de duas jovens gosta de acordar às 5h e dar longas caminhadas. No ano passado, percorreu sozinha, a pé, o caminho de Santiago de Compostela. Esse

“Eu sonhava com as estrelas, ia conquistar o mundo. Queria que a marca fosse pronunciável no mundo todo”



NUGALI

Sede: Pomerode

Produção: 200 toneladas/ano

Portfólio: 60 produtos

Premiações internacionais: 47

gosto parece combinar com o jeito de conduzir a Nugali. “É um ramo que parece ter muito glamour, mas é preciso ter constância. Não é *sprint*. É todo dia, com perseverança, com passos curtos e firmes”, reitera ela, para confirmar o método que levou a Nugali a se tornar o que é. **IC**



Uma cidade que SE DESEMBARAÇA

Diversos fatores se combinam em Dionísio Cerqueira para fazer o único porto seco de Santa Catarina decolar

POR LEO LAPS

Não fosse pelas convicções de um dedicado funcionário público baiano chamado Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira, hoje uma fatia considerável do Oeste de Santa Catarina e do Paraná faria parte da Argentina. No final do século 19, foi ele quem conseguiu convencer o presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland, árbitro da disputa centenária pela região que ficou conhecida na diplomacia como Questão de Palmas, a aceitar as demandas brasileiras e assinar o tratado definitivo em 1898. Naquele ano, o engenheiro que colecionou honrarias pela bravura demonstrada na Guerra do Paraguai e que trabalhou também na definição da divisa com a Guiana Francesa era nada menos que ministro das Relações Exteriores do Brasil.



Assim, ninguém deve ter questionado quando, cinco anos depois, na inauguração da Vila Peperi-Guaçu, à beira do rio de mesmo nome, em 4 de julho de 1903, autoridades presentes decidiram mudar o nome da nova localidade, então fronteira entre Paraná e Argentina, para Vila Dionísio Cerqueira. Alguns anos depois, acertos pós-Guerra do Contestado trariam para o território catarinense o agora município de Dionísio Cerqueira, emancipado de Chapecó desde 1953.

Situado na ponta noroeste de Santa Catarina, Dionísio Cerqueira forma tríplice fronteira com os municípios de Barracão (PR) e Bernardo de Irigoyen, no estado argentino de Misiones. Os três convivem em simbiose econômica e social e, juntos, formam uma população de quase 60 mil pessoas. Dependendo da época, veículos circulam para aproveitar os preços do combustível de um dos lados da fronteira. O churrasco e o vinho argentino são atrações unânimes. O “portunhol” é língua corrente. O Corpo de Bombeiros e o hospital de Dionísio Cerqueira atendem ocorrências nos três lados. Não há barreiras geográficas – basta atravessar ruas para mudar de cidade ou país.

Dionísio Cerqueira é o único porto seco entre Santa Catarina e a Argentina. Ao longo da segunda metade do século 20, a economia e o desenvolvimento urbano do município foram moldados pelo fluxo diário de caminhões e turistas em viagem. Tanto que a zona urbana está concentrada no noroeste do município, colada à fronteira. “A agricultura e a fronteira são os pilares da economia aqui. É uma circulação constante, o comércio atende à população das três cidades”, resume Guilherme Libardoni, secretário de Planejamento.



Dionísio Cerqueira

População:
15 mil habitantes

Área: 378,8 km²

PIB (2020):
R\$ 674,8 milhões

Corrente financeira mensal:
US\$ 84,5 milhões*

(*) Março de 2026

Fontes: IBGE, Observatório Sebrae e Multilog



Novo terminal do porto seco, ampliação do aeroporto e restauração da BR-163 transformam a economia regional

Aduana | O porto seco catarinense tem histórico de movimento bem mais modesto que o dos vizinhos Uruguaiana (RS) e Foz do Iguaçu (PR) – este considerado o maior em toda a América Latina. Com infraestrutura estagnada, a aduana viveu por muito tempo um contraste com os prósperos portos do litoral do Estado. Porém, nos últimos anos, investimentos públicos e privados estão colocando Dionísio Cerqueira em rota de crescimento. A aprovação da Lei 17.762/19 foi essencial. Em resumo, a norma estabelece que todas as importações que recebem isenção de ICMS para entrar em Santa Catarina por via terrestre precisam ser desembaraçadas em Dionísio Cerqueira, ao invés de utilizar aduanas de outros estados.

À época, uma das principais críticas em relação à exigência era a

falta de infraestrutura na região, o que foi superado pela restauração do trecho da BR-163 entre Dionísio Cerqueira e São Miguel do Oeste. Atualmente, mais de 45 quilômetros de novas pistas em pavimento rígido, terceiras faixas, vias marginais e acostamentos estão concluídos. A reforma, que teve apoio do Governo do Estado, foi contrapartida para a concessão do Porto Seco de Dionísio Cerqueira para a Multilog, que venceu licitação no final de 2021. O novo terminal teve investimento de R\$ 50 milhões e foi inaugurado em 2023.

Mas, logo após a inauguração, foi necessário fazer um recálculo de rota. A aduana não conseguiu lidar com o aumento abrupto do volume de caminhões, gerando tempo de espera de até 10 dias para desembaraçar uma carga. A margem



JONATA ROCHA/SECOM GOVSC



IVAN ANGLIM

mínima obrigatória de desembaraço caiu. Mesmo assim, em março, quando a margem era de 30%, o Porto Seco de Dionísio Cerqueira bateu recordes históricos de movimentação: foram 2.523 cargas desembaraçadas e corrente financeira (soma total dos valores das importações e exportações) de US\$ 84,5 milhões. Antes da inauguração do terminal a aduana movimentava, em média, US\$ 40 milhões e 1,5 mil cargas por mês.

Com a otimização do tempo de desembaraço é provável que em breve a exigência retorne aos 100% originalmente previstos na lei – atualmente está em 50%. “As obras de expansão avançam conforme o edital, e quando estiver em plena capacidade o terminal contará com 600 vagas para

O número de empregos formais cresceu 20% entre março de 2023 e 2026

caminhões, além de um bolsão para outros 100 veículos em espera”, adianta o diretor de Desenvolvimento de Negócios da Multilog, Alexandre Heitmann.

A maior movimentação puxa o crescimento de toda a economia. O número de empregos formais cresceu 20% entre março de 2023 e 2026, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). “Começamos a ter vagas que antes não existiam no setor de serviços”, afirma Libardoni. A prefeitura investe R\$ 10 milhões em um novo condomínio empresarial focado em logística. São 57 terrenos

entre 1,5 mil e 5 mil metros quadrados, em fase de pavimentação. Outros dois condomínios privados, um residencial e outro industrial, estão em análise de projetos.

Depois de 11 anos fechado, o Aeroporto de Dionísio Cerqueira foi reinaugurado como aeródromo em 2024, após obras do Governo do Estado. Os investimentos seguem: em 2025, um convênio de R\$ 2,9 milhões foi assinado para implementar equipamentos de auxílio à navegação e iluminação noturna. Também estão sendo construídos hangares e um posto de abastecimento. “Com isso, empresários que têm negócios na cidade poderão se deslocar com agilidade para as capitais”, informa o secretário de Planejamento. [IC](#)

Tecnologias emergentes são vetor de produtividade e competitividade industrial



"A aproximação entre indústria e tecnologia é um diferencial estratégico, e a Acate e a FIESC atuam como pontes nesse processo: a ideia é conectar empresas estabelecidas a soluções capazes de impulsionar eficiência, inovação e crescimento sustentável"

Diego Ramos

Presidente da Associação Catarinense de Tecnologia (Acate) e CEO da Teltec Solutions

A transformação digital deixou de ser uma agenda restrita ao setor de tecnologia para se tornar um fator determinante de competitividade em toda a indústria. Em Santa Catarina, onde a base industrial é diversificada e historicamente eficiente, o avanço de tecnologias emergentes como inteligência artificial, automação e plataformas digitais representa uma oportunidade concreta de ampliar produtividade e capturar novos mercados.

Um estudo recente da McKinsey aponta que empresas que adotam uma estratégia estruturada de investimento em tecnologia conseguem ampliar significativamente o impacto dessas iniciativas sobre a rentabilidade operacional, chegando a triplicar o ganho incremental de EBITDA associado à transformação digital.

De acordo com a pesquisa, empresas que ampliam seus investimentos em TI em cerca de 4% ao ano, com foco em automação e modernização tecnológica, tendem a obter ganhos relevantes de produtividade e redução de custos operacionais. O estudo também aponta que o uso de inteligência artificial generativa em projetos de modernização de sistemas pode reduzir custos em cerca de 40% e acelerar entregas entre 40% e 50%.

O que podemos perceber é uma mudança estrutural: a tecnologia deixa de ser um centro de custos para se tornar um motor direto de geração de valor. Esse movimento é ainda mais evidente em setores intensivos em tecnologia, como software e biotecnologia, que apresentam taxas de crescimento superiores às demais indústrias.

Para Santa Catarina, esse cenário representa uma grande oportunidade. O Estado conta com uma base industrial sólida e diversificada, incluindo empresas líderes em seus segmentos no Brasil e no exterior, além de um ecossistema de tecnologia em expansão. A aproximação entre indústria e tecnologia é um diferencial estratégico, e a Acate e a FIESC atuam como pontes nesse processo: a ideia é conectar empresas estabelecidas a soluções capazes de impulsionar eficiência, inovação e crescimento sustentável.

A adoção dessas tecnologias não é apenas uma questão de modernização, mas de posicionamento. Em um ambiente mais dinâmico, a capacidade de integrar inteligência artificial, dados e automação às operações será determinante para definir os líderes da próxima década. **ic**



Academia FIESC
de Negócios

UMA ACADEMIA DE EXECUTIVOS PARA EXECUTIVOS

Compreender, aprimorar e disseminar o jeito catarinense de empreender



Garanta seu acesso às oportunidades que estão transformando a indústria em Santa Catarina

AGOSTO

- 5 e 6/8** - Imersão Executiva
IA na Indústria: Soluções e Aplicações Práticas
📍 Florianópolis
- 12 e 13/8** - Imersão Executiva
Captação Estratégica de Recursos Base Industrial de Defesa
📍 Florianópolis
- 26 e 27/8** - Imersão Executiva
Expansão Nacional e Canais de Venda
📍 Florianópolis

SETEMBRO

- 15/9** - Imersão Itinerante
Open Golf Experience:
Imersão em Estratégia, Execução e Liderança em Campo
📍 Joinville
- 16 e 17/9** - Imersão Executiva
SG&OP - Sales and Operations Planning como processo integrado de gestão empresarial
📍 Florianópolis

PROGRAMA

Membership
2027

Vagas abertas para o Programa Membership 2027

Faça parte de uma comunidade exclusiva de líderes. Compartilhe experiências e crie soluções inovadoras para grandes desafios

Mais informações em:





SESI Odonto

CUIDADO QUE FAZ A INDÚSTRIA
CATARINENSE SORRIR

SOLUÇÕES EM ODONTOLOGIA
EMPRESARIAL PARA PROMOVER SAÚDE
BUCAL, BEM-ESTAR E QUALIDADE DE VIDA.

- ✓ PREÇOS DIFERENCIADOS PARA TRABALHADORES DA INDÚSTRIA
- ✓ OPÇÃO DE DESCONTO EM FOLHA
- ✓ ATENDIMENTO NAS CLÍNICAS, NAS UNIDADES MÓVEIS OU *IN COMPANY*
- ✓ AÇÕES DE CONSCIENTIZAÇÃO EM SAÚDE BUCAL

LEVE ESSE BENEFÍCIO PARA SUA EMPRESA!

Acesse nosso
site e saiba mais:

sesisaudesc.com.br



sesi+
saúde

 **Julho
Neon**
Todos pela Saúde Bucal